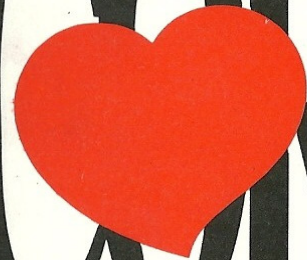


CORACÃO

*na*

CORACÃO



JESUS CRISTO NA VIDA E NOS ESCRITOS DE PAULA FRASSINETTI

LUCILIA M.<sup>a</sup> VALENÇA DE FREITAS

Capa e programação visual  
GRUPO NOVE

© Irmãs Dorotéias, São Paulo, 1991

*Impressão e acabamento*

**Edições Loyola**

Rua 1822 n. 347

04216 — São Paulo — SP

Caixa Postal 42.335

04299 — São Paulo — SP

Tel.: (011) 914-1922

OBRIGADA...

a Paula,  
que na sua fidelidade ao apelo do Pai, segundo o impulso do Espírito, criou na Igreja esse espaço de seguimento de Cristo, onde podemos amá-lo e servi-lo, como prolongamento seu no hoje da história.

OBRIGADA...

a minha mamãe, Clarisse,  
que na sua grande generosidade e profundo respeito pelo caminho dos filhos, criou espaço à minha liberdade, para responder SIM ao chamado de Cristo, na família de Paula.

OBRIGADA...

a Irmã Maria Gabriela,  
que na sua simplicidade e no seu empenho em manter vivo o “sonho” de Paula, cria sempre novos espaços, para que possamos ser mais e servir melhor, segundo seu carisma.

Roma

12 de junho de 1990.

Festa de Santa Paula



## APRESENTAÇÃO

Santa Paula Frassinetti, na hagiografia, ocupa um lugar interessante. É uma Santa do dia-a-dia. Vive os problemas cotidianos da família, da sua Congregação, da Igreja do seu tempo. Vive-os numa simplicidade encantadora. Sofre com os contratempos e as adversidades que enchem sua vida, mas não perde a confiança em Deus. Conserva alto o otimismo.

Quem lê as suas numerosas cartas pode bem ser que não descubra o espírito profundo de oração e entrega à Vontade de Deus que impregnou toda a sua existência. É, pois, de louvar a Ir. Lucília Maria Valença de Freitas, por seu estudo bem-feito e bem-documentado da vida espiritual íntima de Santa Paula. É um véu que se levanta. Introduz-nos no interior dessa alma aparentemente tão simples e tão humana, mas na realidade, tão profundamente ancorada em Deus.

*Coração no Coração* centra a nossa atenção no aspecto que parece caracterizar melhor a vida de Santa Paula: o seu afeto forte pelo Coração de Jesus e Coração crucificado. Afeto que perpassa todas as fibras do seu ser orante. O amor por Jesus e Jesus Crucificado foi a grande paixão da vida de Santa Paula.

Quem ama Santa Paula ou deseja conhecê-la mais de perto só poderá ler esse trabalho de Irmã Lucília com grande proveito e gozo espiritual.

† ALOÍSIO CARDEAL LORSCHIEDER  
Arcebispo de Fortaleza

## PRÓLOGO

“Jesus Cristo, no centro da espiritualidade” foi para mim uma matéria que centralizou todos os estudos feitos, no Teresianum, em Roma. Encantada com o lugar privilegiado dado a Ele na vida e na obra dos santos, pensei em apresentar, como trabalho final dessa cadeira o cristocentrismo de Paula, considerando esta centralização como a característica por excelência de sua espiritualidade.

Não se trata de descobrir e apresentar a “originalidade” de Paula, mas de situá-la no contexto das influências que recebeu. A escolha deste caminho de apresentação nasceu de uma afirmação do Pe. François-Marie Léthel, em uma de suas aulas, quando, fazendo eco aos Padres da Igreja, diz que um santo se explica com outro santo, como a Bíblia com a Bíblia.

Esta sua afirmação foi luz para mim, uma vez que o silêncio de Paula sobre o seu relacionamento com o Amado dificulta muito a penetração no seu mundo de intimidade com Ele.

Guiada por essa luz, mas com os limites que me caracterizam, tentei dar alguns passos no desejo de conhecer um pouco mais esse “jardim fechado”, no desejo de saborear um pouco mais os “frutos” deliciosos do amor que nele se escondem.

São passos pequenos, mas... passos que esperam ser complementados com maiores passos das que, tomadas pela mesma paixão, estão muito mais capacitados para aceitar o desafio de um “empreendimento” tão atraente, tão gratificante.

A mim, move-me o amor. E é precisamente este amor a Paula, Madre Fundadora — como me entenece chamá-la — que me dá a

audácia de pretender colher alguns frutos do “seu jardim”, para depois oferecê-los às Irmãs, a fim de os saborearmos juntas, numa festa de família.

Aqui estão os resultados da “colheita”. Ao receber os “frutos”, que, na minha pobreza, ofereço a cada uma, não esperem encontrar neles uma Paula “original”, mas uma Paula amante. Os “frutos” que partilho contêm o “sabor” do amor, pois foi sob esse enfoque, sob o enfoque do relacionamento amoroso com o Amado, que procurei fazer uma leitura de sua vida. Através de intuições, deduções e comparações, procurei captar as cores do encontro único e irrepetível na história da Congregação: o encontro de Paula com Jesus.

Aqui, portanto, estão os resultados da “colheita”. Que a MãE, tão amorosamente presente na vida de cada filha e na vida da Congregação, digno-se perdoar tudo aquilo que, no desejo de penetrar o que ela escondia, possa parecer uma traição à verdade do seu segredo.

## INTRODUÇÃO

Paula se situa, histórica e espiritualmente, no século XIX italiano, relativamente “pobre” de figuras originais. Na realidade, nenhuma voz se destaca, nenhuma se faz ouvir, como a de uma Santa Teresa ou de um São João da Cruz, em outros séculos. São ainda o Rodrigues, São Francisco de Sales, Santo Afonso de Ligório, entre outros, os que, do passado, alimentam a espiritualidade desse século que, ao penetrar no contexto novo oferecido por ele, assume um colorido específico.

Paula, fruto do seu tempo e do seu país, assume no relacionamento com Jesus as cores características dessa espiritualidade. Embora caracterizada pelo pouco uso da Bíblia, deixa-se marcar pela devoção cristocêntrica, compreendendo todos os mistérios da vida de Jesus. Neles, dá-se destaque à devoção ao Sagrado Coração de Jesus, como expressão de fé e de amor e à devoção mariana, alcançando um significado especial, a devoção ao Coração Imaculado de Maria.

Entretanto, para conhecê-la melhor, para penetrar no seu “jardim fechado”, usaremos *três portas* que, embora não nos possibilitem o acesso à “fonte”, que nele se esconde, ao menos nos ajudam a vislumbrá-la.

A primeira, a principal, que nos abre às duas seguintes, é Dom José Frassinetti, seu irmão de sangue e, muito mais ainda, de aspirações. Quanto a essa afinidade de desejos e de ideal, nos fala Me. E. Vassallo, quando, narrando o sonho de Paula de fundar o Instituto escreve:

“D. José (como diz o Pe. Persoglio que bem conhecia a ambos) e a irmã eram dois corações que se emulavam no amor de Deus e do próximo, como antes, Bento e Escolástica, Francisco e Clara de Assis, Francisco de Sales e Francisca de Chantal. Assim ele deu graças a Deus por achar tão conformes aos seus os intentos de Paula”.<sup>1</sup>

O. Olivari, por sua vez, falando dessa relação afirma:

“A doce e forte Paula permanecerá vinculada intimamente ao irmão Dom José, por toda sua vida. Será ele que a guiará na gênese do seu Instituto, ocorrida em Gênova — Quinto al Mare, onde ela acompanhava os primeiros passos de Dom José na vida de Pároco. A profunda e estimulante relação, trará grande benefício espiritual à Santa, mas também ao Servo de Deus, seu irmão”.<sup>2</sup>

Considerando a influência de um sobre o outro, o conhecimento ou recurso, de alguns aspectos da espiritualidade de Dom José nos abrirá ao conhecimento de alguns aspectos da espiritualidade de Paula.

É também o irmão, que, privilegiando entre os mestres da vida espiritual, Santo Afonso de Ligório, a introduz no conhecimento da sua doutrina. Paula terá sempre em mãos os livros de Santo Afonso, com os quais alimentará sua busca de Jesus e seu desejo de entregar-se a Ele. Assim, o conhecimento da doutrina afonsiana sobre Jesus, sobre Maria e sobre a oração é a segunda porta pela qual podemos entrar para descobrir um pouco mais o mundo de Paula.

É ainda o irmão que a aproxima, desde os primórdios do Instituto, dos Padres da Companhia de Jesus, colocando-a, portanto, em contato com a espiritualidade inaciana, terceira porta que nos é aberta. É precisamente nesta espiritualidade que se firma. E é esta espiritualidade que escolhe como pedra angular da espiritualidade do seu Instituto, levantando, através dela, seus mais altos vãos. “Alma,

1. Vassallo, Me. M. E., Cap. V, p. 64.

2. Posada, M. E. Giuseppe Frassinetti e Maria D. Mazzarello, *Rapporto storico-spirituale*, p. 30.

espírito e coração de Inácio”, repetirá, mais de uma vez em suas cartas, todas elas marcadas com as pegadas do itinerário espiritual proposto pelo Santo. As Constituições de hoje apenas confirmam a realidade de ontem na vida espiritual de Paula — sua estrutura, interior, formada na escola dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio.<sup>3</sup>

É, finalmente, o irmão que a introduz, através de suas obras, no conhecimento da doutrina de Santa Teresa, em cuja fonte diz ele ter bebido, tornando-se ela sua mestra de oração. Oferecendo ao povo, através de seus livros, a doutrina teresiana, de modo a ser compreendida e assumida na vida, estamos seguras de que, por meio do irmão, nesta mesma fonte, também, Paula se dessedentou.

Acreditamos terem sido essas as influências mais fortes que a nortearam na elaboração de sua identidade espiritual. Nesta identidade que a situa como única e irrepetível diante do Amado, muitas vezes desabrocham atitudes onde aparecem unificadas estas mesmas influências recebidas.

O acesso privilegiado a essas três portas a que aludimos nos é aberto pela sua correspondência, pelas Constituições que escreveu e pelo testemunho dos que a conheceram.

3. Constituições da Congregação das Irmãs de Santa Dorotéia 6, Roma, 1981.



# CORACÃO NO CORACÃO

## P R I M E I R O C A P Í T U L O



### **P** A U L A , M U L H E R Q U E A M A

Mulher unificada, mulher sem divisões, porque, através do abandono ao Amado, conquista a suprema liberdade de servir a Ele só, Paula é a mulher de uma única direção — a direção que leva a Jesus Cristo.

O Pe. François-Marie L  thel, em seu livro *Connaitre l'amour du Christ, que surpasse toute connaissance*, diz: "Toda beleza de um cora  o feminino se revela no amor de uma santa por Jesus".

Assim, para conhecer a beleza do cora  o de Paula Frassinetti, mulher que chegou, pela total consagra  o ao Senhor, a desabrochar plenamente sua personalidade feminina, devemos penetrar no segredo do seu amor a Jesus.

Paula amou Jesus Cristo com a totalidade do seu cora  o, com a exclusividade do seu afeto, radicalmente centralizado Nele. Na contempla  o dos seus mist  rios, onde penetra iluminada pelo Esp  rito e guiada pelas m  os maternas de Maria, Paula descobre que a for  a impulsionadora da a  o de Deus, em rela  o ao homem,    o AMOR. Descobre como    ele, sua fonte e sua motiva  o   ltima. Descobrendo o cerne de toda a a  o providencial do Pai, faz da sua vida uma resposta de amor a esse Amor que se revela em Jesus Cristo, a esse Amor que se oferece, em Jesus Cristo.

  , pois, na din  mica amorosa criada pela m  tua entrega, entrega de Quem revela e oferece esse amor, entrega de quem o acolhe e a ele responde, que se situa o segredo da "virginiza  o" do cora  o de Paula. Assim, com o cora  o unificado pelo amor, percorre o caminho da vida, buscando e se entregando. Paula    a mulher do discernimento. "Educada" mediante uma longa e nunca acabada experi  ncia de Deus, viveu em permanente atitude de busca e de escuta, adquirindo assim uma intui  o sobrenatural para perceber onde Ele estava e onde Ele n  o estava.

Esta atitude, que caracterizou Paula é fruto da ação purificadora e libertadora do Espírito que a impulsionou a “buscar a Deus em todas as coisas”, fazer-se disponível, a pôr-se, em linguagem inaciana, “toda inteira” à disposição da divina vontade. Aqui temos a Paula “indiferente”. A indiferença para ela não foi uma atitude fria, de imobilidade. Foi, sobretudo, uma atitude de “espera”. A espera que caracteriza o coração amante. Foi uma atenção apaixonada, um estado de acolhida, uma disponibilidade ao que Deus vai pedir. Sua vida se situa entre uma pergunta e uma resposta. Entre a pergunta de Paulo e a resposta de Maria. O “Senhor que queres que eu faça?” de Paulo se traduz para ela na busca apaixonada de sua vontade; o “Faça-se em mim”, de Maria, na entrega, no mais completo abandono.

### O AMOR QUE DESCOBRE

Motivando Paula, dinamizando todo o seu potencial afetivo para essa busca e essa entrega, está Alguém. Alguém em quem ela fixa o olhar. Alguém que, por primeiro, percorreu a estrada do abandono, como resposta-acolhida ao amor providente do Pai, captado na busca de sua vontade, manifestada no relacionamento pessoal com Ele e manifestada através de pessoas, de acontecimentos.

É esse olhar fixo em Jesus que lhe dá a possibilidade de ver o *al di là* dos fatos contemplados. Esse olhar que, fazendo “ver” *al di là*, faz também penetrar nos mistérios e descobrir o seu cerne, aquilo que fundamenta a busca e a entrega de Jesus: o AMOR ao Pai e aos homens. Amor ao Projeto salvífico do Pai pelo qual Paula, com a riqueza afetiva do seu coração de mulher, apaixonou-se também e decidiu-se a seguir Jesus Cristo, enviado e mediador, colaborando com Ele na sua concretização.

É esse olhar contemplativo que a faz perceber toda a vida de Jesus sob o signo da ENTREGA por amor. E porque a captou, sob este enfoque fundamenta também a própria vida na pedra angular do abandono.

*“Encontrei-a sempre inteiramente abandonada nas mãos de Deus sem se preocupar absolutamente nem com o seu futuro, nem com o do seu Instituto.”<sup>1</sup>*

Na contemplação descobre que, desde a entrega inicial: “Eis-me aqui... eu vim ó Deus, para fazer a tua vontade”<sup>2</sup> até a entrega final: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito”,<sup>3</sup> cada gesto e cada palavra de Jesus são marcados com este sinete. Assim é que com o mesmo sinete marca sua vida e com ele quer marcar a vida de todas que a seguem:

*“...tenha coragem e... viva abandonada em Deus, como uma criancinha repousa tranqüila no seio da própria mãe”<sup>4</sup>*

Na contemplação de Jesus, descobre que Ele vive na mais absoluta dependência do Pai. Consciente de receber tudo dele: “. . .o Pai que me enviou me prescreveu o que dizer e o que ensinar”,<sup>5</sup> a Ele tudo referia: “. . .a palavra que ouvis não é minha, mas do Pai que me enviou”.<sup>6</sup> Porque descobre que a Vontade do Pai é o seu alimento, Paula, no desejo de configurar-se sempre mais ao Amado, experimenta a mesma fome. Conhecer e realizar esta Vontade torna-se também o seu alimento.

*“...acima de todos os seus projetos por mais santos que pudessem parecer-lhe, tinha aquela grande alma a Vontade de Deus para se conformar e com a qual superaria todas as dificuldades. Por outro lado, tudo sacrificaria, se temesse afastar-se, o mínimo que fosse, da Divina Vontade.”<sup>7</sup>*

É o olhar de fé amorosa que faz Paula ver *al di là*; que faz Paula descobrir que Jesus vive do Pai e para o Pai. Vive do Pai, a partir

1. *Memórias acerca da venerável Serva de Deus Paula Frassinetti e do Instituto por ela fundado*, 2º vol., capítulo XXV, 263.

2. Hb 10,7.

3. Lc 23,46.

4. Frassinetti, Paola, carta 491,6, 28 de março de 1872.

5. Jo 12,49.

6. Jo 14,24.

7. *Memórias*, op. cit., 2º vol., capítulo XVIII, 64.

de uma atitude de confiança absoluta em seu amor. Vive para o Pai a partir de uma atitude de obediência incondicional à Sua Vontade.

Esta experiência filial de Jesus que Paula capta apóia-se, segundo alguns exegetas, nas tradições sapienciais, onde é enfatizado um Deus Criador e Providente; um Deus bondoso em quem se deve confiar, pois sua Providência vela inclusive pelas necessidades cotidianas.

Ora, sabendo a preferência de Dom José pelos livros sapienciais,\* através de quem penetrou mais a fundo no seu pensamento, na sua doutrina, sabendo também a sua influência na formação espiritual da irmã, podemos dizer que o Espírito Santo encontrou em Paula o terreno preparado para nele lançar a semente do abandono e da confiança como resposta de amor a um amor que se revela em Jesus Cristo, Pai Providente. Na realidade, são ricos e abundantes os textos onde Paula, com a simplicidade que a caracteriza, deixa ver os traços da mão bondosa do Pai conduzindo tudo.

*“...sabendo pela fé que o nosso bom Deus é quem dispõe e governa tudo, aconteça o que acontecer, será para o nosso maior bem.”<sup>8</sup>*

Se é o Pai que tudo dispõe, com amor e por amor, segundo um projeto de amor, Paula não só está tranqüila, mas deixa-O agir... Entrega-se...

*“Tenha cuidado procure estar o mais tranqüila possível, recebendo tudo das mãos de Deus e atribuindo a Deus tudo o que acontece. Em suma, ponha-se nas mãos de Deus, como uma criancinha nos braços da própria mãe.”<sup>9</sup>*

### O AMOR QUE SE IDENTIFICA

Bebendo na fonte da contemplação do Amado o amor que se faz busca da Vontade do Pai, que se faz abandono em seus braços

\* “Entre os livros da Bíblia, D. Frassinetti privilegia os Salmos e a literatura sapiencial” (Posada, M.E., op. cit., Cap. III, p. 74).

8. Frassinetti, Paola, op. cit., 648,4, 6 de junho de 1874.

9. Frassinetti, Paola, op. cit., 192,6, 7 de julho de 1862.

e abandono em seus caminhos, Paula se deixa fazer, se deixa moldar pelo Espírito, colaborando com a ação transformadora que visa identificá-la com Jesus Cristo. E, nesta atitude de passividade ativa:

### PAULA BUSCA

Busca conhecer o Plano de Deus, busca conhecer o lugar onde Deus a quer situar no desígnio salvífico que tem para ela, busca conhecer o caminho que Ele escolheu para conformá-la com Cristo. Introduzida pela “indiferença” nesse dinamismo da busca, Paula cria espaço para que o Deus vivo irrompa em sua vida e lhe revele Sua Vontade. Cria espaço a este “Deus sempre maior”, a este Deus novo, a este Deus imprevisível que se manifesta em todas as circunstâncias da sua vida, que a interpela, continuamente, que a convida a uma entrega cada vez mais plena. Cria espaço para uma resposta nova, a cada nova proposta sua.

A Paula que busca torna-se a Paula da entrega, assumindo a Vontade expressa pelo Amado, quaisquer que sejam os sinais de Sua manifestação, quaisquer que sejam as mediações usadas por Ele para torná-la conhecida. Essa Vontade do Amado torna-se para ela tesouro, pérola preciosa.

*“...pelo decorrer dos acontecimentos, conheceremos a Vontade de Deus, única pérola que procuramos.”<sup>10</sup>*

É precisamente essa busca que vai caracterizar Paula, que, como a esposa do Cântico dos Cânticos, sai pela vida perguntando a pessoas e acontecimentos que mensagem do amado — expressão de Sua Vontade — trazem para ela. E a fim de tornar-se apta para captar com a maior fidelidade possível essa manifestação, pede:

*“Reze e peça que rezem... para que o Senhor se digne dar-nos ouvido apurado, inteligência clara e vontade dócil, a fim de que possamos secundar inteiramente a divina vontade.”<sup>11</sup>*

10. Frassinetti, Paola, op. cit., 57,1, 8 de março de 1850.

11. Frassinetti, Paola, op. cit., 467,3, 31 de outubro de 1871.



Fielmente captada, essa vontade se torna para Paula e para todos os que a seguem uma bússola a orientar sempre na direção NORTE, na direção do PAI.

*“...tenha os olhos fixos na bússola para não bater com a cabeça nos escolhos. A bússola das Dorotéias é a Vontade de Deus. Portanto, olhos fixos nela, sem nunca os desviar.”*<sup>12</sup>

Foi assim que caminhou. Dizem as *Memórias*: “De fato, aquela grande alma cedia tudo, sacrificava tudo, para dar ao seu Deus, na perfeita uniformidade, a prova mais certa e indiscutível do seu puro amor”.<sup>13</sup> É ele que a faz exclamar:

*“Isso devemos querer com todo o coração, com toda a alma e com todas as forças: Vontade de Deus, és o meu Paraíso”.*<sup>14</sup>

Essa Vontade de Deus sintetiza, com tanta força, suas mais profundas aspirações de amor e felicidade que diz não ser necessário ir ao Céu, para encontrar o Paraíso. Tem-no sempre consigo aquele que realiza a Vontade Divina.<sup>15</sup>

## PAULA SE ENTREGA

O conhecimento da vontade do Amado ressoa no coração amante de Paula como um convite, como um apelo ao qual procura responder. Respondendo ao apelo, responde ao amor, manifestado, através da Vontade salvífica do Pai e o faz, por sua atitude de entrega, de abandono, que prolonga a atitude de entrega e de abandono de Jesus.

*“...adestradas pelas provas sempre novas que ele nos dá do seu amor, aprendamos cada vez melhor a abandonar-nos, com toda a tranqüilidade e confiança nos braços da sua infinita misericórdia.”*<sup>16</sup>

12. Frassinetti, Paola, op. cit., 866,2, 1880.

13. *Memórias*, op. cit., 2º vol., capítulo XV, 10-11.

14. Frassinetti, Paola, op. cit., 573,6, 17 de abril de 1873.

15. Frassinetti, Paola, op. cit., 395,3, 15 de maio de 1870.

16. Frassinetti, Paola, op. cit., 293,3, 6 de junho de 1867.

Na raiz do abandono de Paula, encontra-se o amor ao Amado, que a faz buscar na Sua Vontade os motivos do seu agir, que a faz confiar-lhe a própria vida, entregando em suas mãos tudo o que é, tudo o que tem.

*“...deixemos o cuidado de tudo a Deus, que conhece todas as nossas necessidades e nos ama com amor infinito. Oh, se aprendêssemos, de uma vez para sempre, a entregar-nos a Deus, como viveríamos tranqüilas”...*<sup>17</sup>

Esta entrega, este abandono parecem atingir o cume, quando Paula afirma:

*“...o que quiser fazer de mim e das coisas que me pertencem, pode fazê-lo, pois, tem sempre o meu consentimento”.*<sup>18</sup>

Aqui, seu abandono se antecipa, no tempo, à ação divina. É um SIM, um FAÇA-SE, não relacionado apenas com o momento presente, mas um consentimento prévio a tudo o que Ele, no futuro, quiser fazer dela e de tudo o que lhe pertence.

Aqui, abandono e confiança se entrelaçam na mais bela expressão de amor. Aqui Paula se revela e se caracteriza como a MULHER QUE AMA, uma vez que, com essa atitude, atinge o ponto máximo do seu abandono e o abandono atinge o seu ponto máximo, isto é, o cume do amor.

Entretanto, esse abandono não aparece para ela apenas na culminância de um caminho de amor. Aparece também no seu início, quando, desejando responder ao Amor, entrega-se a Ele para se deixar conduzir, para se deixar fazer.

*“Deus não se contentou com dizer-nos que nos ama; mas, porque realmente nos ama, deu-nos o que de mais querido e precioso nos poderia dar, dando-se Ele mesmo, inteiramente, na Pessoa do seu Filho Unigênito.*

17. Frassinetti, Paola, op. cit., 279,2, 1º de janeiro de 1867.

18. Frassinetti, Paola, op. cit., 620,4, 8 de janeiro de 1874.

*Demos também nós a Deus aquilo que de mais querido possuímos, isto é, nossa vontade, deixando-nos daqui em diante moldar por Ele, como o barro nas mãos do oleiro, persuadidas de que tudo quanto Deus fizer de nós será para nosso verdadeiro bem. Que bela paz reinará em nós, se chegarmos a esse inteiro abandono em Deus.”*<sup>19</sup>

O abandono é em Paula e para Paula o que desencadeia e o que culmina o seu caminho de amor.

Caminha por ele, iluminada pela luz da fé:

— Uma fé profunda e inabalável!

*“Cheia de uma fé viva e de confiança ilimitada em Deus, nunca a vi recuar por qualquer vantagem ou receio humano, ao sustentar as razões da Divina Glória e do bem das almas, em face das grandes dificuldades que teve de enfrentar.”*<sup>20</sup>

— Que deve ser aprendida!...

*“aprenda a viver de fé.”*<sup>21</sup>

— e, uma vez aprendida, ensinada!...

*“Aprenda a viver de fé e ensine-o também a suas Irmãs.”*<sup>22</sup>

— E exercitada!

*“Recomendo-lhe que esteja tranqüila, que viva de fé, abandonada nas mãos de Deus, esperando tudo dele e a Ele dirigindo os seus trabalhos, a fim de que, um dia possa ter, de tudo, copiosa recompensa.”*<sup>23</sup>

Dando solidez, firmeza ao chão da estrada a ser percorrida, está a HUMILDADE:

19. Frassinetti, Paola, op. cit., 102,5, 12 de dezembro de 1854.

20. *Memórias*, op. cit., 2º vol., capítulo XXVI, 263.

21. Frassinetti, Paola, op. cit., 371,1, 30 de julho de 1869.

22. Id., *ibid.*

23. Frassinetti Paola, op. cit., 297,6, 9 de junho de 1867.

*“Aprenda... de Jesus a saber abater-se diante de Deus e dos homens, a saber sofrer e a saber viver abandonada nos braços da Divina Bondade e Providência.”*<sup>24</sup>

Na realidade, toda a construção espiritual de Paula está muito fortemente fundamentada no reconhecimento do seu nada, da sua pequenez e no reconhecimento da grandeza e do amor de Deus:

*“Não vos deprimam as vossas misérias e defeitos, pelo contrário, que vos sirvam de degraus para descerdes àquela profunda mina, onde se encontra a preciosa pérola da santa humildade e assim, enriquecidas com esta santa pérola, tornar-vos-eis grandes, pela sabedoria, tendo sabido, na vossa miséria, adquirir o único tesouro verdadeiro que pode fazer felizes, no tempo e na eternidade, as almas que o possuem”*<sup>25</sup>

É a terra firme da humildade que oferece a Paula a segurança para levantar o vôo do abandono, impulsionado pelo vento da confiança e orientado pela fé.

## O AMOR QUE UNIFICA

O abandono de Paula dá ao Espírito Santo o espaço de que Ele necessita para culminar o processo de transformação iniciado, fazendo do coração de Paula um só coração com o Coração de Jesus. Como o Amado que vive um “amor total e imediato, divino e humano ao Pai e aos homens”, Paula se empenha em amar imediatamente a Jesus e a todos os homens, com a mesma totalidade, evitando qualquer outra centralização, qualquer outra mediação no amor.

Aqui encontramos Paula em toda a sua inteireza. Aqui, encontramos a mulher de coração indiviso, “*uma alma grande, que não tem outra coisa em mira, no que diz, faz, sofre e pensa, senão o cumprimento em si e em tudo da adorabilíssima Divina Vontade*”<sup>26</sup>

24. Frassinetti, Paola, op. cit., 617,2, dezembro de 1873.

25. Frassinetti, Paola, op. cit., 89,6, 28 de dezembro de 1852.

26. Vassallo, M. E., *Memorie intorno alla Madre Paola Frassinetti*, 74.

## PAULA, MULHER DE CORAÇÃO PURO

A polarização do amor que, unificando os afetos, direciona o coração indiviso de Paula para um OUTRO, liberta-a de si mesma, dos outros, do mundo e faz da sua vida um caminhar para o seu centro — *Jesus Cristo*.

O desejo de chegar a esse “Centro”, de apoiar-se nEle, de transbordar sobre Ele toda a riqueza da sua afetividade de mulher torna sua vida um êxodo permanente, em todas as dimensões e em todos os níveis.

Êxodo de tudo o que não é Ele, para chegar e estabilizar-se na terra prometida do Seu Coração. Era, verdadeiramente, uma mulher toda direcionada para a Pessoa de Jesus.

“...amai muito a Jesus e ajudai-vos mutuamente com santas conversas e bons exemplos, a amá-lo cada vez mais.”<sup>27</sup>

“Amêmo-lo... muito, muito, muito.”<sup>28</sup>

Paula atinge tal altura do amor de modo a poder ser chamada mulher de “coração puro”, entendendo pureza de coração como o conservar os afetos, todos os afetos, para Deus só. “*A vossa Madre Geral é um verdadeiro girassol*”, disse D. Bosco, aludindo à sua mente sempre voltada para Deus.<sup>29</sup>

Amar a Deus, não pela sua grande bondade, pela sua benevolência, mas por Ele só é chegar, segundo o autor desconhecido da *Nuvem do não-conhecimento*, à máxima perfeição do amor.

Apoiando-nos sobre esta afirmação, podemos dizer que Paula viveu o amor, neste último nível, portanto, chegou à perfeição do amor.

“*A fundadora amava a Deus por si mesmo por aquilo que Ele é, tanto que se não houvesse nem inferno, nem paraíso, ela ter-se-ia sentido plenamente recompensada no servir o seu Deus.*”<sup>30</sup>

27. Frassinetti, Paola, op. cit., 316,2, 28 de janeiro de 1868.

28. Frassinetti, Paola, op. cit., 671,2, 14 de dezembro de 1874.

29. *Summariium super dubio*, § 9,10.

30. Magnani, C., *La Beata Paola Frassinetti*, 14.

Se amar a Jesus, por Si mesmo e não por Seus benefícios, é verdadeiramente o cume do amor, Paula atingiu este cume, caracterizando-se como uma mulher de coração puro.

## PAULA, MULHER DE CORAÇÃO SIMPLES

“Bem-aventurados os corações puros porque verão a Deus.”<sup>31</sup>

Na realidade, verão a Deus, isto é, Deus se manifesta deixando-se “ver” por aqueles que lhe entregaram o seu TUDO, com o olhar fixo só nele, sem procurar, sem desejar nada fora. É essa atitude que, caracterizando na teologia bíblica o “coração simples”, caracteriza também a experiência de Paula. De fato, Paula vive sobre a estrada da simplicidade, a sua aventura de amor com Jesus.

“...se esforcem ainda por conquistar aquela bela simplicidade.”

“*Esforcem-se... por adquirir aquela bela simplicidade que não procura, não deseja senão o seu Deus; que, sem cuidar do próprio interesse, não tem senão um olhar para Ele, a quem unicamente querem amar e agradar em todas as coisas.*”<sup>32</sup>

Esta simplicidade, que supõe a audácia amorosa de preferir Deus a tudo, Paula a vive com todas as forças do seu coração apaixonado. Deixando corajosamente tudo o que se interpõe entre ela e seu Amado, escreve:

“*Procurarão Deus Nosso Senhor em todas as coisas... amando-O em tudo e tudo nele.*”<sup>33</sup>

Tudo se torna para ela mediação, transparência do Amado, a quem busca com paixão.

Fazer com Jesus, fazer aquilo que agradava a Jesus, era a única coisa que procurava, que desejava.

31. Mt 5,8.

32. *Constituições e Regras do Instituto das Irmãs de Santa Dorotheia*, Sumário PII, n. 57, 124.

33. *Constituições*, op. cit., parte II, cap. II, n. 31,34.

*“Amarão e desejarão de todo coração a bela simplicidade tão grata a Jesus Cristo... Simplicidade... que olha apenas para Deus, sem cuidar de si mesma e dos próprios interesses, sem procurar senão o que lhe pode ser grato e mais conforme ao seu divino beneplácito.”<sup>34</sup>*

Paula não tem outra mira. Todo o seu rico potencial afetivo está totalmente direcionado para Ele, para Aquele em cujo coração penetra, subindo pela escada da simplicidade. Subindo por esta escada e por ela penetrando no Coração do Amado, recebe ainda por seu intermédio a chave do segredo para nele permanecer — fazer sempre *COM Ele* e *POR Ele*, a Vontade do Pai.

A esta altura de união, a esta profundidade de intimidade, a esta intensidade de abandono confiante, deseja levar todos os que a seguem. E em seus convites a que percorram a mesma estrada, a que subam pela mesma escada, vislumbra-se e capta-se um sabor de experiência, o sabor de quem descobre o tesouro intensamente procurado. Mulher unificada, mulher sem divisões, porque, através do abandono ao Amado, conquista a suprema liberdade de servir a Ele só, Paula é a mulher de uma única direção — a direção que leva a Jesus Cristo.

34. *Constituições*, op. cit., parte II, cap. II, n. 30,34.



## **J**ESUS CRISTO, **O AMADO E O AMANTE**

Penetrando e deixando-se penetrar pelo amor que transborda dos Mistérios, longamente, contemplados, Paula encontra motivos sempre renovados para amá-Lo mais e servi-Lo melhor.



Jesus é verdadeiramente o único tesouro de Paula. Não o afirmou explicitamente, como Santa Teresinha, “Jesus é o meu único amor”, porque os seus sentimentos profundos em relação a Ele, nunca os verbalizou em primeira pessoa. Mas as suas cartas, cuja preocupação parece centrar-se no tornar conhecido Jesus e o seu amor por nós, são um hino ao Esposo amado e amante.

“Entre as nossas Irmãs, diz-se que a Serva de Deus atraía as pessoas ao Instituto discorrendo especialmente sobre o amor de Deus por nós e particularmente sobre aquele que se manifesta na Encarnação e no SS. Sacramento, estimulando-as a amá-lo com toda a efusão do coração.”<sup>1</sup> Esse testemunho e tantos outros, além das cartas a que aludimos, nos revelam que Paula centralizou em Jesus Cristo toda a sua espiritualidade. Confirmam esta afirmação as *Memórias*, quando dizem que perguntando entre si a quem imitava nossa Madre, as Irmãs unanimemente respondiam: “A Jesus Cristo”.

Mas quem era o Jesus de Paula? Fruto do seu tempo e de sua época, Paula recebe a influência do cristocentrismo do século XIX italiano que, embora “apoiado em uma boa base dogmática tradicional, aparece fortemente caracterizado por uma acentuação devocional”.

Essa influência lhe vem do irmão, D. José, que nesse contexto faz uma síntese teológico-devocional, centrada no mistério de Cristo, Homem-Deus. Aqui, todos os outros mistérios lançam suas raízes,

---

1. *Summarium super dubio*, n. VII, § 5, 144.

todos os outros se fundamentam, segundo ele. É, entretanto, a espiritualidade inaciana, haurida na escola dos Exercícios Espirituais, que vai exercer uma influência decisiva na caracterização do Jesus Cristo de Paula. Como para Inácio, o “seu” Jesus Cristo é o Verbo, o Filho encarnado, o revelador do Pai, o caminho rumo ao Pai, o mestre, o modelo nesse peregrinar. Paula não explicita, como Inácio, a função mediadora de Jesus, mas em tudo que vive e propõe sentimos estar ela penetrada por esta idéia fundamental. O “seu” Deus é um Deus vivo, atuante, que entra na história dolorosa do mundo para nela intervir salvando. O Jesus de Paula é fundamentalmente o SALVADOR, o Redentor.\* Captando o cerne de sua missão, com ela se solidariza. E sua colaboração não se limita apenas a empenhar-se na própria santificação, mas em buscar a salvação do próximo, desejando com esta dupla atitude promover a “maior glória de Deus”. Bebe na experiência de Inácio, marcada por uma teologia da “descida” e aniquilamento divinos. “A Palavra divina se faz carne, vem ao encontro do homem e morre, para ressuscitar e conduzir, a partir de dentro, toda a criação de volta à glória, para levar a termo a glorificação de Deus em todas as suas criaturas.”<sup>2</sup>

### OS MISTÉRIOS DE JESUS

Esta visão de Inácio, encontrando o coração de Paula sensibilizado pelo irmão, lança raízes, e o Mistério do Verbo que se faz carne vai ser a pedra angular da sua cristologia. Em suas cartas, a encarnação aparece como pano de fundo de todos os outros mistérios da vida de Jesus, vistos sempre sob a ótica do amor.

...“quanto desejaria deter-me convosco (...) a falar-vos do excesso de amor que nesta santa ocorrência o Filho de Deus nos manifestou, fazendo-se Homem”...<sup>3</sup>

\* 380, 4 — 14/11/1869;

862, 5. 8 — 23/11/1880.

2. Bingemer, M. C., *Em tudo amar e servir*, parte I, 38.

3. Frassinetti, Paola, carta 98,1, 16 de dezembro de 1853.

(...) “olhem o Crucifixo e pensemos que Aquele que vemos pender daquela cruz é o nosso Deus (...) quis morrer sobre aquele lenho infame só para mostrar o amor que nos tem.”<sup>4</sup>

O Jesus de Paula é o Deus conosco, o Deus que se faz Homem, por amor. Intuindo, com o seu coração de mulher apaixonada, essa motivação profunda da entrega de Jesus ao Pai e aos homens, revelada no mistério da Encarnação, pinta com este colorido sua maneira de viver e de apresentar todos os outros mistérios de Cristo.

“O Verbo Eterno fez-se carne e veio nascer nesta miserável terra, lugar de exílio e de sofrimento para assim nos ensinar o belo segredo do amor. Antes de Ele se encarnar e vir habitar entre nós, não se conhecia a sua sublime doutrina, mas desde que se abriram os céus e desceu à terra o Verbo de Deus, esta ficou iluminada e o homem soube em que deve consistir o verdadeiro amor”...<sup>5</sup>

Assim, percebe Paula o inefável caminho percorrido por Deus — envolver-se no mistério do coração humano, para envolvê-lo no mistério da comunhão amorosa com Ele. Nesse processo, o Jesus Salvador-Mediador torna-se Mestre e Modelo.

— Como Mestre,<sup>6</sup> ensina,<sup>7</sup> forma<sup>8</sup> e Dele devemos aprender como proceder,<sup>9</sup> como amar,<sup>10</sup> como praticar virtudes.<sup>11</sup> Dele devemos aprender as lições<sup>12</sup> e os exemplos.<sup>13</sup>

— Como Modelo, Paula nos convida a imitar,<sup>14</sup> copiar,<sup>15</sup> retratar,<sup>16</sup>

4. Frassinetti, Paola, op. cit., 224,5, 15 de janeiro de 1865.

5. Frassinetti, Paola, op. cit., 274,2, 17 de novembro de 1866.

6. Frassinetti, Paola, op. cit., 98,4, 16 de dezembro de 1853.

7. Frassinetti, Paola, op. cit., 224,3, 15 de janeiro de 1865.

8. Frassinetti, Paola, op. cit., 624,5, 2 de fevereiro de 1874.

9. Frassinetti, Paola, op. cit., 729,4, 15 de dezembro de 1875.

10. Frassinetti, Paola, op. cit., 224,5, 15 de janeiro de 1865.

11. Frassinetti, Paola, op. cit., 681,4, fevereiro de 1875.

12. Frassinetti, Paola, op. cit., 665,3, 22 de novembro de 1874.

13. Frassinetti, Paola, op. cit., 312,1, 30 de dezembro de 1867.

14. Frassinetti, Paola, op. cit., 224,3, 15 de janeiro de 1865.

15. Frassinetti, Paola, op. cit., 250,3, 11 de abril de 1866.

16. Frassinetti, Paola, op. cit., 342,8, 14 de outubro de 1868.

assemelhar-nos a Ele.<sup>17</sup> Convida, sobretudo, a contemplar<sup>18</sup> para imprimir na mente e no coração as lições,<sup>19</sup> unindo-nos aos seus sentimentos íntimos,<sup>20</sup> conformando-nos às suas disposições.<sup>21</sup>

Como pudemos ver, as influências que marcaram Paula deram-lhe apenas uma CHAVE, através da qual LEU, de modo pessoal, sob a ação do Espírito Santo, o Mistério de Jesus. O seu cristocentrismo não é um legado, uma herança que recebeu e que cultivou. É fruto de uma experiência profunda, de um conhecimento adquirido como penetração e participação nos seus mistérios. Penetrando e deixando-se penetrar pelo amor que transborda desses mistérios, longamente contemplados, Paula encontra motivos sempre renovados para amá-Lo mais e servi-Lo melhor.

Sente-O como uma presença contínua e Nele fixa o olhar:

*“Não há circunstância alguma da nossa vida na qual não vejamos o nosso bom Jesus que vai adiante, ensinando-nos não só o caminho, mas também a maneira de o percorrer, sustentando-nos ainda nos passos mais difíceis.”*<sup>22</sup>

Portanto, o seu relacionamento com Ele, radicado na fé e no amor, na comunhão interpessoal, vai *al di là* da ESCUTA e da prática dos ensinamentos. É uma busca de identificação com os seus sentimentos e uma atitude de acolhida à graça específica que cada mistério oferece.

Contemplou a todos e a todos se refere em suas cartas.<sup>23</sup> E ao apresentar o caminho percorrido por Jesus, do nascimento à ressur-

17. *Constituições e Regras do Instituto das Irmãs de Santa Dorotheia*, 1851, parte II, capítulo IV, n. 15,42.

18. Frassinetti, Paola, op. cit., 98,2, 16 de dezembro de 1853.

19. *Constituições*, op. cit., parte III, capítulo III, n. 33,60.

20. *Constituições*, op. cit., parte II, capítulo IV, n. 15, 42.

21. *Constituições*, op. cit., parte II, capítulo V, n. 5, 45.

22. Frassinetti, Paola, op. cit., 262,6, 27 de setembro de 1866.

23. Encarnação — Carta 274,2, 17 de novembro de 1866.

Nascimento — Carta 107,3, 17 de dezembro de 1855.

Infância e vida oculta — Carta 262,5, 27 de setembro de 1866.

Paixão e Morte — Carta 246,4, 26 de março de 1866.

Ressurreição — Carta 247,2, 2 de abril de 1866.

reição, deixa passar essa sua percepção, através de uma pedagogia que é, ao mesmo tempo, iluminadora e motivadora de uma resposta no mesmo nível de entrega, de doação.

*“( . . . ) acabará o exílio e por misericórdia de Deus chegaremos finalmente à Pátria, onde ficaremos para sempre unidas, para amar sem medidas, nem limites, o nosso grande Deus que agora vemos feito, por nosso amor, frágil Menino.”*<sup>24</sup>

*“( . . . ) olhemos ( . . . ) para aquele delicado Menino que treme de frio, sobre um punhado de palha dura, privado de todas as coisas ( . . . ). E perguntemo-nos a nós mesmas: E quem é este? Oh! esse querido Menino, assim abandonado, desprezado é o nosso Deus . . . ”*<sup>25</sup>

Nestes dois trechos, Paula, com uma linguagem afetiva que expressa a fé amorosa do seu coração de mulher, ilumina o mistério, procurando despertar o nosso coração para a motivação profunda dos gestos de Jesus.

No trecho que se segue, ilumina, incitando as Irmãs a responderem ao Amor que se revela, seguindo suas pegadas, imitando-O.

*“Dirijamo-nos, minhas caríssimas Filhas, à humilde cabana de Belém e contemplemos uma a uma as virtudes sublimíssimas que pratica aquele frágil e gracioso Menino, Deus e Homem, e vejamos como até aqui lhe temos feito companhia no exercício dessas virtudes.”*<sup>26</sup>

Seja despertando o coração, seja motivando uma resposta, o Jesus que Paula apresenta é sempre o Homem-Deus, aqui fazendo-se pequeno, frágil criança, por nosso amor.

A sua atração pelo mistério do Natal parece ter-se alimentado e aguçado nos escritos de Santo Afonso, já que nos de D. José, o nascimento de Jesus não encontra o espaço a ele dado por Paula, como se lê em suas cartas — reflexo de sua experiência espiritual.

24. Frassinetti, Paola, op. cit., 325,1, 23 de dezembro de 1868.

25. Frassinetti, Paola, op. cit., 119,2, 23 de dezembro de 1856.

26. Frassinetti, Paola, op. cit., 98,2, 16 de dezembro de 1853.

Santo Afonso, ao contrário, muito estimulou, inclusive com a poesia, essa devoção, fazendo-a penetrar profundamente na religiosidade popular.

É, entretanto, o mistério da Paixão como expressão máxima da revelação do amor que atrai Paula mais fortemente.

## A PAIXÃO

Na realidade das suas cartas e do testemunho dos que a conheceram, percebe-se claramente que o mistério que sintetiza para ela todos os mistérios da vida de Cristo é o da Paixão e a imagem que unifica os vários aspectos da sua Pessoa, da sua obra e seu significado para os homens é a de Jesus Crucificado.

Assim, cremos poder afirmar que o amor que permeou e dinamizou o caminho de “seqüela” de Paula foi descoberto e assimilado na sua dimensão mais profunda na “escola” do Calvário.

*“Se nos sofrimentos olharmos para o Crucifixo e pensarmos que Aquele que vemos suspenso na Cruz é o nosso Deus que deixou o Céu e que, depois de uma vida laboriosa, cheia de humilhações, trabalhos e sofrimentos de todo gênero quis morrer nesse madeiro infame, só para nos mostrar o amor que nos tem, a quem poderão parecer demasiado duros os poucos sacrifícios que Deus pede de nós?”*<sup>27</sup>

As primeiras lições nessa “Escola”, onde “leu e estudou” muitas vezes no “grande livro do Crucifixo”, parece terem sido ministradas pelo irmão. Escreve ele: “Sabei que não são as longas orações, nem as muitas comunhões, nem os muitos jejuns, nem as muitas esmolas, mas o amor à cruz que é o mais seguro distintivo das almas que querem ser toda de Jesus”.<sup>28</sup>

Conhecendo a intensidade com que Paula desejava ser toda de Jesus, podemos imaginar a avidez com que, entrando nessa “escola”,

27. Frassinetti, Paola, op. cit., 224,5, 15 de janeiro de 1865.

28. Posada, M. E., *Giuseppe Frassinetti e Maria D. Mazzarello*, cap. III, 86.

mergulhou nesse “Livro”, e se deixou penetrar pelos ensinamentos que dele emergiam. As lições aprendidas na contemplação e no exercício da via-sacra eram traduzidas na vida pelo assumir a cruz com o Amado e como o Amado, em cada situação concreta em que ela era por Ele apresentada.

*(...) “incline os ombros perante a Cruz que seu Esposo lhe apresenta, sem olhar a sua pequenez, miséria e até pecados.”*<sup>29</sup>

*“Tenhamos coragem e levemos a nossa cruz com Jesus.”*<sup>30</sup>

Mas é ainda a escola dos Exercícios Espirituais, freqüentada desde os primórdios da Congregação, que reforça a formação cristológica recebida. Nela, o chamado escutado por Paula vai se concretizando numa entrega total a um “rei crucificado que propõe sua paixão salvadora como batalha a ser empreendida, imitada e vencida”.

Assimila o Cristo “pobre e humilde” de Inácio e começa a desejar, sempre mais, conformar-se a sua “kénosis”.

*“... seguindo verdadeiramente a Jesus Cristo Nosso Senhor amam e ardentemente desejam... revestir-se da veste de seu Mestre e Senhor”*...<sup>31</sup>

Amá-Lo e segui-Lo na humilhação e na cruz, na “kénosis” mais radical, condição do “maior serviço” que deseja, ansiosamente, prestar.

*“... as almas generosas, quanto mais sofrem tanto mais quereiam sofrer, e não se contentam enquanto não se vêem não só esquecidas e desprezadas por todas, mas verdadeiramente odiadas e oprimidas por toda espécie de sofrimento e penas, tanto exteriores como interiores, para assim se assemelharem mais de perto ao seu Esposo, Jesus Crucificado.”*<sup>32</sup>

Portanto, a experiência que configura a vida de Paula é uma progressiva e constante cristificação, marcada pelo desejo e pela busca

29. Frassinetti, Paola, op. cit., 388,2, 5 de abril de 1870.

30. Frassinetti, Paola, op. cit., 527,8, 7 de setembro de 1872.

31. *Constituições*, op. cit., Sumário, parte I, n. II, 115 a 116.

32. Frassinetti, Paola, op. cit., 493,4, 10 de abril de 1872.



de uma identificação com o abaixamento e o esvaziamento do Amado. Vivendo com Ele os seus mistérios, sobretudo o da Paixão, quer participar do seu aniquilamento, na “kénosis”, para subir, com Cristo humilhado, até os braços do Pai, acompanhada de todos os que “custaram a Ele seu sangue e sua vida”.<sup>33</sup> Portanto, diante de seus olhos que “leram e estudaram, muitas vezes, no grande livro do Crucifixo” está sempre presente o Cristo “pobre e humilde” pela experiência da pobreza e da humildade mais absolutas, no serviço maior.

E, fascinada por tudo o que “viu” e “ouviu”, contemplando-O, Paula não quer responder sozinha ao Amor que na Cruz se entregou por todos.

Assim, em suas cartas, de forma implícita ou explícita, aparece sempre o convite a que as Irmãs se ponham em situação de poder fazer a mesma experiência.

*“Jesus, na sua Paixão e a nossa querida Mãe, a Senhora das Dores, estejam sempre diante dos nossos olhos, da nossa mente e do nosso coração... nunca deixemos de contemplar com fé viva, amor ardente e terna compaixão um e outro.”*<sup>34</sup>

Aqui, revela Paula o segredo de sua eficacíssima aprendizagem: *contemplar*, mas contemplar com *compaixão*, o que quer dizer contemplar *“sofrendo com”*. Este o sentido de “compaixão”. Portanto, não é um contemplar distante... pondo-se fora da realidade contemplada. Não é um simples “olhar”. Mas é um contemplar que envolve, que faz das duas pessoas que se olham uma só, no sentimento mútuo que enche, que plenifica seus corações. Por esse motivo a “compaixão” que nasce desta forma de contemplação é gerada pela fé e pelo amor. E este “co-envolvimento” na Paixão de Jesus é a resposta que dela exige o seu coração apaixonado. Ao Amor Crucificado quer responder com um amor crucificado.

Paula viveu o amor à Paixão de Jesus no mesmo nível dos maiores místicos da cruz. Não foi contemporânea de Santa Gema

33. *Constituições*, op. cit., Sumário, parte II, n. 62, 125.

34. Frassinetti, Paola, op. cit., 93,1, 17 de fevereiro de 1853.

Galgani, que nasceu quatro anos antes de sua morte, mas entre elas encontramos laços espirituais muito próximos.

Em suas cartas\* sugere atitudes interiores em relação a Jesus Crucificado que coincidem exatamente com as que o próprio Jesus convida Santa Gema a assumir no relacionamento amoroso com Ele. Esta coincidência nos revela o nível de comunhão amorosa de Paula com Jesus. Quem sugere a ela o que Jesus pede a Santa Gema, considerada “mística da cruz”?

É que, no grande “livro do Crucifixo”, Paula descobriu segredos que só são revelados aos que se decidem a entrar na “escola do Calvário”. E, de uma maneira toda sua, convida a isto:

*“Oh! minhas caríssimas Filhas, que a meditação dos sofrimentos de Jesus e das dores de Maria seja o pão cotidiano com que alimentemos o nosso espírito, em todas as horas”*.<sup>35</sup>

“Com estas palavras”, explica nossa Me. Magnani, “indicava Paula claramente com que alimento queria que se nutrissem: a consideração, isto é, o amor secreto das dores, na imitação prática de Jesus sofredor, humilhado pela nossa salvação”.<sup>36</sup>

Nutrindo-se com este alimento — Jesus Cristo, Salvador, no mistério da sua “kénosis” —, Paula O assimila, ao mesmo tempo que é por Ele assimilada, e chega a um tal ponto de identificação, que sofre à simples recordação de não ter, no passado, abraçado a cruz, como o faz agora.

*“Oh! como me envergonho dos desabaços que tive, quando olho para o crucifixo! Pede, portanto, ao Senhor que me perdoe e*

\* “Esta cruz é um livro, que deverá ler cada dia”, diz Jesus a Gema, *La Communion a la passion de Jésus. “Christologie mystique” de Sainte Gemma Galgani*. “Lede e estudei muitas vezes, no grande livro do Crucifixo”, Léthel François-Marie, diz Paula às Irmãs (*Memórias* II, cap. XXIV, p. 223.) “Olha, filha minha, e aprende como se ama”, diz Jesus a Gema quando esta se encontra diante do Crucifixo (id., *ibid.*). “(...) que tenhais sempre diante dos olhos o Crucifixo e que Dele mesmo aprendais o modo de O amar”, diz Paula às Irmãs. (Carta 224,5 — 15/1/1865).

35. Frassinetti, Paola, op. cit., 93,3, 17 de fevereiro de 1853.

36. Magnani, C., op. cit.



que me dê um castigo qualquer, mas nunca o de me aliviar a cruz; porque se no passado não a abracei com alegria, no futuro, mediante a graça e a força que não de obter-me as boas almas que rezam por mim, hei de colocá-la no centro do coração e guardá-la como fez Aquele que nela morreu por meu amor.”<sup>37</sup>

O Cristo Crucificado foi realmente um livro aberto, onde Paula aprendeu o belo segredo do amor total e incondicional.

“Jesus, nosso Esposo nos ensinou. Sigamos os seus exemplos e depois de termos morrido com Ele no Calvário, ressuscitaremos gloriosas.”<sup>38</sup>

Aprendeu que o amor total e incondicional leva a dar a vida por aqueles que ama, como “Aquele” que “amou primeiro”.

“... Escalamos, alegremente, o caminho do calvário, seguindo o nosso Jesus Cristo, e, com a sua força chegaremos ao cimo.”<sup>39</sup>

Este desejo profundo de Paula, de chegar ao cimo do Calvário, não nasce de um atrativo pela Cruz, mas de um fascínio pelo Crucificado, cujo amor capta, de modo especialíssimo, no momento em que Ele entrega sua vida pela salvação dos que ama.

Sabendo que Cruz e Eucaristia são duas dimensões do mesmo mistério de amor chegado ao cume na entrega do Corpo e na entrega da Vida, podemos imaginar o que a Eucaristia significava para Paula.

## A EUCARISTIA

O centro do mistério da Paixão é a entrega que Jesus faz de si mesmo ao Pai, a fim de que os homens, amados como filhos e como irmãos, possam viver a comunhão com a Trindade, sonhada na criação.

37. Frassinetti, Paola, op. cit., 33,4, 20 de novembro de 1847.

38. Frassinetti, Paola, op. cit., 480,4, 28 de janeiro de 1872.

39. Frassinetti, Paola, op. cit., 519,7, 21 de agosto de 1872.

Entretanto, antes de fazer esta entrega na cruz, Ele a faz na Eucaristia, quando dá o Seu Corpo como “carne” a ser “comida” e o Seu Sangue como “vinho” a ser “bebido”, satisfazendo assim a mais profunda exigência do amor — ser UM com o amado. Aproximando-nos mais profundamente de Paula, vemos que a sua experiência de amor foi vivida num clima eucarístico, através do qual acolhe a entrega de Jesus, alimentando-se do Seu Corpo e entrega-se a Ele, dando-se em alimento aos irmãos.

É verdade que fala relativamente pouco sobre a eucaristia, se compararmos esses textos com suas reflexões sobre a Paixão. Entretanto, procurando penetrar mais em suas cartas, vemos que talvez fale pouco porque nos muitos textos nos quais se refere ao Coração de Jesus sugere certas atitudes interiores que não seriam possíveis, nem mesmo compreensíveis, sem sua ligação com a eucaristia.

— Paula nos convida a “*ir ao Coração de Jesus*”.<sup>40</sup> Como compreender este convite e como traduzi-lo na prática, senão recorrendo às palavras de Jesus? “Eu sou o pão da vida; quem vem a mim não terá mais fome?”<sup>41</sup>

— Paula nos convida a “*permanecer no Coração de Jesus*”.<sup>42</sup> Como fazê-lo, senão por meio da eucaristia? “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue, permanece em mim e eu nele.”<sup>43</sup>

— Paula augura: (...) “*que Jesus, seu Esposo, seja a sua vida*”.<sup>44</sup> Como tornar Jesus afetiva e efetivamente nossa vida? “Como o Pai que me enviou, vive e eu vivo por Ele, assim quem come a minha carne viverá por mim.”<sup>45</sup>

A eucaristia a levava ao Coração de Jesus, fazendo-a viver a mútua penetração-exigência do amor. Através desta interpenetração, acolhia a entrega de Jesus, portadora do seu amor feito vida e, ao mesmo tempo, entregava a própria vida como dom total.

40. Frassinetti, Paola, op. cit., 521,7, 23 de agosto de 1872.

41. Jo 6,35.

42. Frassinetti, Paola, op. cit., 515,10, 26 de outubro de 1872.

43. Jo 6,56.

44. Frassinetti, Paola, op. cit., 247,3, 2 de abril de 1866.

45. Jo 6,57.

Se a eucaristia a levava ao Coração de Jesus — e é por meio deste Coração que ela penetrava em todos os Seus mistérios, sobretudo no da Paixão —, podemos dizer que, para Paula, a eucaristia era a síntese de tudo.

Esta intuição se confirma quando sabemos que a doutrina eucarística era, para D. José Frassinetti, a doutrina por excelência, o tema que ocupa maior espaço em seus escritos e em suas pregações.<sup>46</sup>

Foi o irmão que “iluminou” desde o início, com sua doutrina sólida, o caminho eucarístico de Paula. Em seus escritos ressaltava “o nexó intrínseco existente entre sacrifício e sacramento eucarístico, não só no nível da doutrina, mas de ‘praxis’ cristã”. Dele Paula aprendeu que “comungar é participar do mistério de redenção que se realiza sobre o altar”. “. . . *Jesus me chama à sua casa para assistir ao grande Sacrifício!*”<sup>47</sup> Participar da Missa é comungar o Corpo e o Sangue de Cristo.

“Aos pés do santo altar que encerrava todo o seu tesouro e do qual cada dia se aproximava com novo ardor de piedade, recebendo sob as espécies eucarísticas . . . o Deus do seu coração e o Coração do seu Deus, encontrava a razão e a força para qualquer sacrifício e as luzes necessárias para conduzir-se retamente, no árduo caminho que se lhe abria . . .”<sup>48</sup>

O seu amor à Eucaristia, que se pode captar em suas cartas e confirmar através do que foi dito ou escrito sobre ela, acreditamos ter-se intensificado com a ligação que D. José estabelecia entre vida eucarística e vida de virgindade: “A comunhão freqüente e cotidiana faz os santos e os virgens. Para vós que escolhestes a santa virgindade (. . .) o vosso primeiro sustento, a vossa mais sólida esperança seja na freqüência ao SS. Sacramento, freqüência, se vos é possível, de todos os dias”<sup>49</sup> Foi porque bebeu nesta fonte eucarística, que Paula pôde fazer ao Esposo, Amado e Amante, a oferta de um coração indiviso.

46. Posada, M. E., op. cit., cap. III, 79.

47. Frassinetti, Paola, op. cit., 580,8, 30 de maio de 1873.

48. Vassallo, M. E., op. cit., cap. II, 21.

49. Posada, M. E., op. cit., cap. III, 83.

Alimentando esta pureza de coração, na contemplação dos mistérios de Cristo, Paula encontra Maria, totalmente voltada para o seu Senhor, na radicalidade do amor de seu coração virgem.

## MARIA, NOS MISTÉRIOS DE CRISTO

Encontrando Maria, Paula percebe como Mãe e Filho estão inseparavelmente ligados nos mistérios que viveram juntos até o fim.

Nela, o Filho do Pai se fez homem. O SIM do Filho se prolonga no SIM da Mãe e a encarnação acontece. Por Ela, o Filho do Pai feito Homem nasce. O SIM à maternidade de Jesus se prolonga no SIM à maternidade dos homens assumida no Calvário. Assim, Maria aparece nos escritos de Paula como uma medianeira materna. A devoção aprendida no berço vai-se intensificando sempre mais. Seja através da reflexão teológica do irmão, D. José, que acentua fortemente a união de Maria com Cristo, seja através de Santo Afonso, que evidencia a intercessão da Virgem na vida do cristão, seja através de Santo Inácio. Nos Exercícios, onde Maria aparece intrinsecamente ligada ao duplo movimento que, mediante Cristo, vai do Pai para o mundo pela encarnação e do mundo para o Pai, pela redenção, Paula encontra o terreno propício para deixar penetrar com maior profundidade as raízes de seu relacionamento amoroso com ela. Maria é “nossa cara Mãe”, “tão boa Mãe”, “terna Mãe”, “Mãe misericordiosa” e nela devemos ter “filial confiança”, “ilimitada confiança”, “grande confiança”. Mas se Maria é a Mãe com quem Paula mantém um relacionamento filial feito de confiança, confiança ilimitada, Ela é também a Medianeira entre Jesus Cristo e os homens, e Paula a apresenta associada à missão do Filho.

Os títulos com os quais honra de modo especial à Mãe estão ligados aos mistérios do Filho pelos quais sente maior devoção.

*“Quanto à devoção para com Nossa Senhora, ela a venerava especialmente sob os títulos do Sagrado Coração, Nossa Senhora das Dores e Imaculada.”*<sup>50</sup>

50. *Summarium super dubio*, n. V, § 16, 115.

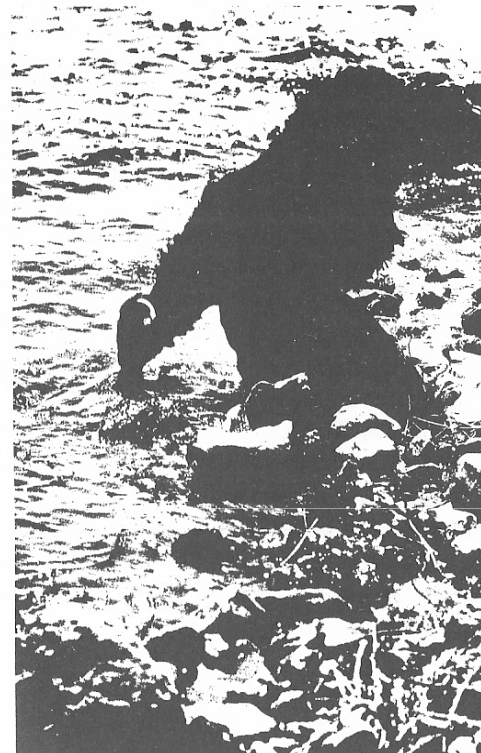
Se o amor a Maria era um prolongamento do amor a Jesus, ele era, ao mesmo tempo, uma porta através da qual penetrava para viver COM Ela os mistérios do Amado. Daí seus insistentes convites a que: “*permaneçamos... em companhia de Maria.*”<sup>51</sup>

Maria aparece na devoção de Paula intimamente associada à missão do Filho, partilhando na fé e no amor a obra da redenção confiada pelo Pai a Jesus Cristo.

51. Frassinetti, Paola, op. cit., 98,4, 16 de dezembro de 1853.

## CORACÃO NO CORACÃO

### T E R C E I R O C A P Í T U L O



## O RELACIONAMENTO A M O R O S O

Na sua procura apaixonada, “vendeu tudo” e conquistou os “olhos puros”... Olhos puros que lhe permitiram “ver”, logo aqui, a beleza da “pérola comprada”, a beleza do Esposo, e, fascinada, mergulhou na fonte dessa beleza, no Coração e aí viveu a comunhão profunda, que faz de duas pessoas uma só.

O amor de Paula por Jesus, vivido aos pés da cruz e alimentado com o pão eucarístico, sob o olhar materno de Maria e por ela sustentado, foi verdadeiramente um relacionamento de comunhão amorosa.

No mistério de Jesus, Verbo feito homem, no mistério de Jesus que entrega sua vida na cruz, no mistério de Jesus que dá seu Corpo para ser “comido”, Paula intui o segredo profundo que se esconde atrás de todos estes gestos — *o amor*. E, atraída por este sentimento, aproxima-se Dele. Aproximando-se, bebe na fonte simbólica que esconde e que revela a motivação última dessa entrega total — *o Coração*. Na realidade, o Coração de Cristo exerce uma profunda atração sobre o coração de Paula e é através desta porta que ela penetra em todos os seus mistérios, especialmente no da Paixão. Penetrando, concretiza aos pés da cruz o que E. Glotin afirma acontecer ao cristão que dirige seu olhar de amor, de confiança ao Crucifixo: . . . “*realiza de sua parte aquela profecia que S. João aplica ao Salvador: ‘Contemplarão aquele que transpassaram’. Impossível chegar até o fim desse olhar contemplativo, sem descobrir o Coração do Senhor que me amou e se entregou por mim*”.<sup>1</sup>

O olhar contemplativo de Paula, que “leu e estudou muitas vezes no grande livro do Crucifixo”, descobriu o Coração do Crucificado, descobriu o Coração de Cristo, e, por via experiencial, atingiu o cerne de seu mistério — *o amor*. Entrando pela porta do Seu Coração, que K. Rahner diz que “é uma porta que nunca se pode deixar de

---

1. Escobar, J. E., *Contemplarão Aquele que transpassaram*, 49.



lado”, Paula sente e vive todo o mistério de Cristo, como um mistério de amor. O Coração amante de Jesus torna-se uma chave de leitura, através da qual capta a revelação profunda que cada mistério faz a quem o “lê”: amor e entrega total ao Pai, amor e entrega total aos homens. A esse amor Paula procura responder criando uma dinâmica amorosa que a introduz em um relacionamento profundíssimo com Jesus, ao qual não temos acesso direto e do qual só podemos nos aproximar por via intuitivo-dedutiva, através de suas cartas e do testemunho dos que a conheceram.

É o desejo de entrever pelo menos um raio da grande luz — seu relacionamento íntimo com Jesus que nos move a seguir as réstias que deixa escapar no seu peregrinar com Ele, por Ele, Nele. Nesse peregrinar, Paula bebe na fonte do Coração. Haurido nesta fonte, o amor, dom e conquista ao mesmo tempo, centraliza todo o sentir e o viver de Paula e a mantém livre de si mesma, sempre voltada para Cristo, com todas as forças da “mente e do coração”.

“... tudo, tudo fazer e sofrer para dar maior gosto ao Coração Santíssimo de Jesus.”<sup>2</sup>

### DESPERTAR O AMOR

Nas *Constituições* de 1851, parte terceira, capítulo quarto, em que fala da educação e orienta as mestras na maneira de apresentar o amor de Jesus, encontramos traduzida em passos pedagógicos a sua experiência profunda. Desta estupenda pedagogia catequética, tomemos apenas um princípio e nele nos detenhamos:

“Voltar os seus ternos corações para o Divino Coração e fazer com que Nele conheçam o centro e a fornalha daquele amor ardente em que se inflama pelos homens e por elas, em particular...”<sup>3</sup>

2. Frassinetti, Paola, carta 511,10, 13 de junho de 1872.

3. *Constituições e Regras do Instituto das Irmãs de Santa Dorotéia*, parte III, cap. IV, n. 14,65.

O cerne desse princípio parece ser: despertar os “ternos corações”, motivando-os a se voltarem para o “Divino Coração”, criando espaço para o “conhecimento”.

Conhecer, no sentido bíblico, significa fazer a experiência e, segundo São João, uma experiência que “envolve não só a inteligência, mas também a sensibilidade e toda a pessoa”. É participação ativa, relacionamento pessoal que cria e aprofunda uma comunhão.<sup>4</sup>

Portanto, as mestras não devem apresentar Jesus por via teórica, mas por via experiencial. Não se capta o amor com a cabeça, mas com o coração, quando é por Ele tocado, quando é por Ele “ferido”, na linguagem de São João da Cruz. Se acontece a experiência, o conhecimento que dela deriva transforma totalmente a vida. Só assim Jesus será verdadeiramente reconhecido e procurado como “centro e fornalha de amor ardente”. Essa sutil penetração de Paula é fruto da experiência. Propõe às mestras a mesma estrada percorrida por ela.

Assim, centrada nessa “fornalha”, nesse “fogo” e por ele “queimada” com a criatividade que caracteriza o amor, procura ajudar as filhas, motivando-as a fazer o mesmo caminho.

Talvez possamos sintetizar a sua pedagogia formativa numa atitude fundamental: **DESPERTAR**. Despertar os corações para o amor de Jesus. Portanto, *despertá-los para conhecer e responder*. É maravilhoso ver, à luz dos verbos que usa, os convites de Paula e os meios que emprega para despertar o coração das filhas. Esses verbos, de sentido profundo, indicam num primeiro momento *atividade, movimento para...* e num segundo *passividade ativa*.

Vejamos primeiro aqueles que indicam um *movimento para, atividade*:

#### — ANDAR

No sentido etimológico, este verbo significa: mover-se, dirigir-se, passar de um lugar a outro.

4. Maggioni, Bruno, *La mistica di Giovanni Evangelista*, 231.



Paula, partindo do sentido etimológico, usa-o num contexto espiritual, sempre significando um convite a sair de si mesma, tomando a direção que levará a um outro lugar — *ao Coração de Jesus*.

“No Coração Dulcíssimo do nosso amado Esposo Jesus Cristo, encontra-se tudo aquilo de que temos necessidade: (...) Portanto, minhas boas filhas, IDE sempre àquele Coração Santíssimo, pois é naquele Coração que eu VOU, com muita frequência, procurar-vos (...)”<sup>5</sup>

Estas duas expressões, *àquele* e *naquele*, usadas por Paula nos ajudam a aprofundar um pouco mais este trecho, ou talvez, aprofundar melhor a intenção escondida nessas palavras.

O convite não é só a andar, a ir em direção a uma meta, em direção a um lugar, mas chegando ali, entrar. A preposição *em* supõe a ação de penetrar, de introduzir-se. Portanto, Paula não permanece e não quer que se permaneça do lado de fora, olhando Jesus, olhando o “Fogo”.

Arrisca introduzir-se e, uma vez por Ele abrasada, convida-nos a fazer o mesmo. Entretanto, por experiência, sabe muito bem que esse “introduzir-se” não é alguma coisa que possamos fazer sozinhas. Essa atitude implica, sobretudo, “*ser introduzida*” por Ele. E Ele só o faz a quem se abandona com confiança nas suas mãos, para deixar-se fazer, deixar-se conduzir. Por isso diz:

“Sim, minha querida Irmã, abandone-se inteiramente nos braços do seu divino Pai e Esposo Cristo Jesus e no seu Dulcíssimo Coração...”<sup>6</sup>

O desejo de Paula de andar, de ir, de ser introduzida naquele Coração através da entrega ao Esposo situa-a no nível da esposa do Cântico dos Cânticos, que, na sua ânsia amorosa, pede para ser introduzida.<sup>7</sup>

5. Frassinetti, Paola, op. cit., 665,2, 22 de novembro de 1874.

6. Frassinetti, Paola, op. cit., 597,1, 8 de outubro de 1873.

7. Cf. CC 1,4.

## — ESTAR-SER

Parece que, uma vez que se entra, que se está dentro do Coração, os verbos perdem a força de movimento e são mais usados aqueles que indicam uma *passividade ativa*. Creio ser essa mudança intencional e que Paula quer traduzir para nós a atitude interior daqueles que tiveram a felicidade de ser introduzidos no “Fogo”.

“...estejamos naquele abrigo que nos abriu Longino...”<sup>8</sup>

Todo o movimento anterior é para esse ponto de chegada: *o abrigo do peito de Cristo*. A porta aberta da chaga deixa entrever o tesouro que, mesmo escondido, atrai o desejo daqueles que amam. Todos querem *estar ali*. No desejo e no “estar ali”, João os precede. Presente aos pés da cruz, quando foi aberta *a porta* e, conduzido pelo amor, conseguiu ver *al di là* do acontecimento. “Vendo”-o, acolhe o convite saído dessa “fonte transbordante” e *entra*. Agora compreende, com uma clareza total, que o relacionamento com Jesus não acontece *fora*, mas *dentro*. Compreende que o relacionamento torna-se um encontro, no *interior*, no Coração. Torna-se um “*estar ali*”. Depois de João, o discípulo amado, entraram muitos sedentos de amor.

Paula também. Como João, não pára no “vestíbulo” desse mistério, mas aproveitando a porta aberta, entra e procura estar nesse “abrigo”, nessa gruta para escutar, *coração no Coração*, os segredos do amor, revelados somente àqueles que têm a coragem audaz de “*estar*” ali. Talvez seja essa comunhão mística de sentimentos com o discípulo amado que a leva a dizer:

“...deveríamos ter um amor tal... como o teve São João Apóstolo...”<sup>9</sup>

## PERMANECER NO AMOR

Entrando por essa porta, faz a experiência do amor de Jesus, manifestado sobretudo nesse momento-cume do mistério salvífico.

8. Frassinetti, Paola, op. cit., 515,10, 26 de julho de 1872.

9. *Summarium super dubio*, n. VII, § 13, 147.

Experimentando esse amor, voluntariamente se faz “prisioneira” nesse Coração que assim se revela e assim se oferece. Nele, faz a sua habitação e, dessa “câmara nupcial”, onde saboreia as delícias do amor, insiste:

“...continue a permanecer dentro do seu Divino Coração...”<sup>10</sup>

E para manter em vigília a atenção amorosa acrescenta:

“apenas lhe repito... que se lembre sempre de que está... no Coração Dulcíssimo do seu Jesus Cristo...”<sup>11</sup>

Nesse contexto o verbo estar significa *permanecer*. Não se trata de um estar no nível de simples relacionamento, mas de *permanecer* em comunhão. Com isso Paula nos abre o coração para viver a experiência da atividade amorosa, característica da comunhão.

E, uma vez *dentro*, esse Coração torna-se para ela:

#### — LUGAR DE REFÚGIO

Refúgio significa espaço capaz de oferecer proteção, ambiente, capaz de proteger, termo de uma necessidade de tranqüilidade, de ajuda.

Considerando o Coração de Jesus *refúgio*, Paula O sente como proteção, como segurança, atitudes características da esposa diante do Esposo.

“O Coração Santíssimo de Jesus, vosso Esposo,... seja o lugar do vosso refúgio em todas as vossas necessidades.”<sup>12</sup>

“...o tempo se faz cada vez mais escuro e ameaçador, mas ao Coração Santíssimo do nosso Jesus Cristo, não chegam as tempestades.”<sup>13</sup>

10. Frassinetti, Paola, op. cit., 502,4, 10 de junho de 1872.

11. Frassinetti, Paola, op. cit., 500,6, 27 de maio de 1872.

12. Frassinetti, Paola, op. cit., 745,6, 14 de fevereiro de 1876.

13. Frassinetti, Paola, op. cit., 515,11, 26 de julho de 1872.

Dessa maneira, o lugar de refúgio torna-se também:

#### — LUGAR DE ESCONDERIJO

O sentido da palavra “esconderijo” talvez possa ajudar-nos a compreender o que está implícito na expressão de Paula: lugar reservado e secreto, onde uma pessoa pode subtrair-se à vista, ou à procura de alguém. Pode subtrair-se à livre circulação. Estamos seguras de que Paula não tinha presente estes significados ao escrever suas cartas. Simplesmente viveu a experiência. Conduzida pelo Espírito Santo, escondeu-se no Coração do Amado e, subtraída à livre circulação de outros afetos, centraliza TUDO Nele.

“Oh, quanta necessidade temos todos de nos esconder no dulcíssimo Coração de Jesus.”<sup>14</sup>

“...nosso Jesus Cristo, que as tem no seu Santíssimo Coração; ...levá-las-á consigo e as guardará em lugar seguro.”<sup>15</sup>

Assim escondidas todas nesse “lugar seguro”, o Coração de Jesus se torna também:

#### — LUGAR DE ENCONTRO

“...a essas boas filhinhas... diga-lhes que me lembro muitas vezes delas e muitas vezes vou encontrá-las no Coração Santíssimo de Jesus...”<sup>16</sup>

“...é naquele Coração que eu vou com muita freqüência procurá-las; por caridade, fizeti que sempre aí vos encontre, a todas.”<sup>17</sup>

Do Coração de Jesus, onde encontrou TUDO, Paula não quer mais sair. Portanto, desejando encontrá-la, é para lá que devemos ir. Para buscá-la, há apenas uma direção a seguir: a que conduz ao Amado. Considerando que ali é que acontecem os encontros de Paula

14. Frassinetti, Paola, op. cit., 504,2, 14 de junho de 1872.

15. Frassinetti, Paola, op. cit., 676,6, 9 de janeiro de 1875.

16. Frassinetti, Paola, op. cit., 385,2, 28 de janeiro de 1870.

17. Frassinetti, Paola, op. cit., 665,2, 22 de novembro de 1874.

e considerando que a palavra “encontro” significa movimento em direção a uma pessoa, relação de aproximação, conclui-se que o amor de Jesus é o “faço” único de todos os seus relacionamentos. Ama e ama profundamente, mas “Nele, por Ele, com Ele”.

O caminho de Paula na busca e no desejo de unir-se ao Esposo, que percorremos através dos verbos andar, estar, permanecer, que nos levou a seu lugar de refúgio, de encontro, a seu esconderijo, e que vislumbrou-nos um pouco o seu itinerário espiritual, parece agora dar um “salto”.

*“Sim, minha querida Irmã, abandone-se inteiramente nos braços do seu divino Pai e Esposo, Cristo Jesus, e, no seu dulcíssimo Coração, estabeleça o seu LEITO\* que, se por algum tempo for de dores, essas mesmas dores serão de tal modo suavizadas pela divina Caridade, que não as trocaria nem pelas alegrias do Paraíso.”<sup>18</sup>*

O verbo “estabelecer” quer dizer “fixar-se em uma condição”. O substantivo “leito” se apresenta como “símbolo da regeneração no amor e como centro sagrado dos mistérios da vida”.

Considerando o sentido dessas palavras e o contexto dentro do qual Paula no-las apresenta, vemos que chegamos à altura do relacionamento esponsal do Cântico dos Cânticos.

Ao escrever essas palavras, pretendia Paula fazer alguma alusão ao Livro Sagrado? Acreditamos não nos enganar ao afirmar que sim. Pois Paula não só o conhecia, como se deliciava ao lê-lo, “. . . atenta ao trabalho que tinha em mãos, se habituara a dar expansão ao fogo interno no qual ardia pelo seu Jesus e ao terno afeto pela Virgem Santa, com breves, mas fervorosas jaculatórias ou cantarolando, suavemente, louvores espirituais, especialmente aqueles compostos por Santo Afonso de Ligório, sobre o Cântico dos Cânticos que tão bem correspondiam às ânsias daquela alma pura”.<sup>19</sup>

\* Tradução do original italiano “letto”.

18. Frassinetti, Paola, op. cit., 597,2, 8 de outubro de 1873.

19. Vassallo, M. E., *Memorie intorno alla Madre Paola Frassinetti*, 19-20.

De fato, Paula não nos convidaria a tais alturas se lá não tivesse chegado, se ali não tivesse encontrado o TUDO que procurava para si e para suas filhas.

— “LEITO”, no Cântico dos Cânticos, aparece em duas situações diversas, traduzindo a dinâmica do amor de busca, no escuro, e de encontro, na plenitude. Como a esposa do Cântico, Paula viveu essa procura, essa busca e essa plenitude. “Sobre o meu leito de morte, procurei aquele que o meu coração ama; procurei-o e não o achei.”<sup>20</sup>

— Ah, onde Tu estás,  
Amado Esposo meu? . . .  
Te procuro e Tu foges?  
Te chamo e não ouves? . . .<sup>21</sup>

A procura no escuro das pegadas do Amado também marcou o caminho de fé de Paula. Como a esposa do Cântico, está só no leito da cruz. Nele não encontra o Amado.

*“ . . . asseguro-lhe que também para mim (a cruz) é nua, nua.”<sup>22</sup>*

A esposa do Cântico no escuro procura o amado e o encontra ainda mais belo. Fascinada exclama: “Como és belo, meu bem-amado, como és encantador, em nosso leito de verdura”.<sup>23</sup>

Paula, na sua ânsia amorosa, também O procurou, também procurou o “Amado de sua alma” e O encontrou.

As expressões que traduzem esses encontros profundos, guardou-as no segredo do coração e delas apenas nos aproximamos, usando mais uma vez o caminho imaginativo-dedutivo.

Sabendo que gostava de cantar a canção de Santo Afonso sobre o Cântico dos Cânticos “porque esta correspondia às ânsias de sua alma”, imaginamos que terá muitas vezes transbordado o fascínio pelo Amado, com os seguintes versos:

20. CC 3,1.

21. Oreste, Gregorio, *Canzoniere Alfonsiano*, 293.

22. Frassinetti, Paola, op. cit., 322,3, 17 de março de 1868.

23. CC 1,16.

*É bianco e vermiglio  
Si vago é il Diletto  
Che Sposo più eletto  
Tra mille non v'è.<sup>24</sup>*

*É bianco e vermiglio  
Si vago é il Diletto  
Che Sposo più eletto  
Tra mille non v'è.<sup>24</sup>*

E, através do testemunho de quem viveu a seu lado, cremos poder afirmar que também Paula saboreou a *verdura do leito* nupcial: “A sua união com Deus era tão grande... Diversas vezes ela estava tão enlevada na oração, tão fora de tudo, que não compreendia, nem se dava conta do que acontecia em volta”.<sup>25</sup>

Como a esposa do Cântico que, segundo Orígenes, adquiriu “olhos de pomba” e por isso podia ver a “beleza do esposo” e o “verde do leito”, assim era Paula.

Na sua procura apaixonada, “vendeu tudo” e conquistou “os olhos puros” de que fala o Evangelho. “Olhos puros” que lhe permitiram “ver”, logo aqui, a beleza da “pérola comprada”, a beleza do Esposo e, fascinada, mergulhou na fonte dessa beleza, no Coração, e aí viveu a comunhão profunda que faz de duas pessoas uma só. Expressões que deixa escapar aqui e ali em suas cartas são para nós pequenas luzes a iluminar nossa busca de pistas para penetrar no “mundo secreto” de Paula, onde vive seu relacionamento esponsal com Jesus. São luzes portadoras de um sabor de mística nupcial algumas dessas expressões: “*Corações verdadeiramente amantes*”;<sup>26</sup> “*Monte dos amantes*” (Calvário).<sup>27</sup> Quis esconder todos esses segredos do seu relacionamento com o Amado, mas talvez seja essa a única coisa que não soube fazer bem.

24. Oreste, Gregorio, op. cit., 292.

25. *Summarium super dubio*, n. VII, § 1, 142.

26. Frassinetti, Paola, op. cit., 497,9, abril de 1872.

27. Frassinetti, Paola, op. cit., 665,4, 22 de novembro de 1874.



## O RELACIONAMENTO AMOROSO E A ORAÇÃO

... centralizada, através de uma sólida fundamentação ascética, Paula prepara o coração para a ação do Espírito que “reza em nós” e, sem fechar horizontes em formas estereotipadas de oração, abre-se, deixa-se conduzir por Ele.

Considerando a comunhão amorosa de Paula com Jesus, pode-se afirmar que sua vida foi um “estar com Ele”. De fato, não é possível compreendê-la, nem compreender o que diz sobre a oração, se não se tem, como pano de fundo, o seu relacionamento com Jesus.

Não temos como fonte para conhecê-lo, nesse nível, orações feitas por ela ou descrições pessoais desses momentos que, sabemos, foram fortíssimos.

### **A PREPARAÇÃO DO CAMINHO**

Coube a D. José Frassinetti, seu irmão, o mérito e a honra de ter introduzido Paula na oração e preparado o seu coração para abrir-se à ação do Espírito, percorrendo o caminho traçado por ele até as alturas da união esponsal com Jesus.

Este caminho, embora Paula o tenha percorrido sob a total dependência do Espírito, apresenta traços onde se pode verificar com muita nitidez a influência do irmão.

O itinerário de oração sugerido por ele, de uma ou de outra maneira, nos seus vários livros e opúsculos, partindo de práticas de piedade sólidas, passa pela oração do coração para chegar à meditação simples, tema que ele privilegia de modo muito especial.

Neste itinerário, já podemos perceber um pouco daquele que foi considerado “asceta por excelência”, e também místico desabrochado, sobretudo no período do seu exílio, em contato com as obras



de Santa Teresa, sua “mestra espiritual”. Na realidade, é ele que, no século XIX na Itália, quando a teologia espiritual sofre uma cisão entre ascética e mística, vai estabelecer uma ligação, umnexo entre ambas, “desenvolvendo, em suas obras ascéticas, temas que pertencem ao domínio da mística”. Este nexoo, descoberto primeiro na própria vida, vai pincelando tudo aquilo que escreve e que propõe. Assim é que no caminho de oração que sugere, preparado e apoiado em profunda ascese, encontramos sempre um espaço aberto para uma oração mais afetiva; um deixar-se conduzir por Deus, um deixar-se fazer por Deus. O espaço criado para a oração pessoal, já nas práticas de piedade, prepara a oração do coração. “Para rezar bem, rezai de coração e com o coração, falando com o vosso Senhor Deus, como a filha fala com o pai a quem, com toda confiança, pede alimento e vestido. (...) De coração e com o coração, pedi graças e virtude e fazei atos de amor, conformidade, ao divino querer.”<sup>1</sup> Nesse nível, a prática da oração desemboca naturalmente no que ele chama de meditação simples: ... “Privada de toda arte e indústria, não dividida, não distribuída nem em partes, nem em pontos, nem em tempo. E que não é outra coisa, senão a atenção da nossa mente...”<sup>2</sup>

Percorrendo as cartas de Paula, podemos perceber traços de um caminho que vai nessa direção. Na realidade, a orientação do irmão é “alimento” para sua alma “faminta” de Deus; é fonte transbordante que, encontrando preparado o terreno pela sede do desejo, o fecunda. Assim, a oração torna-se, também para ela, “alma da sua vida e da sua atividade”.

“Em relação à caridade para com Deus, sei que a Madre Frassinetti amava muito o exercício da oração e rezava com muito fervor.”<sup>3</sup> Segundo ela, a oração é “remédio para todo mal. É meio de santificação, ilumina e inflama no santo amor”. Com ela “tudo se obtém e tudo se vence”. Assim centralizada, através de uma sólida fundamentação ascética, Paula prepara o coração para a ação do

1. Posada, M. E., *Giuseppe Frassinetti e Maria D. Mazzarelo*, cap. IV, 113.

2. Posada, M. E., op. cit., cap. IV, 118.

3. *Summarium super dubio*, n. VII, § 11, 146.

Espírito que “reza em nós” e, sem fechar horizontes em formas estereotipadas de oração, abre-se, deixa-se conduzir por Ele. Conduzida, vai passando da “consideração” à “meditação”; do “eivar a mente e o coração” ao “simples olhar”.

...“esteja muito unida a Ele. Reze muito: ...eleve o seu coração a Deus”...<sup>4</sup>

...“eu olharei para Ele e Ele olhará para mim.”<sup>5</sup>

Esta atitude interior, ela a traduzirá na sábia orientação que dá às Irmãs:

“Procurem devoção segundo a medida da graça que Deus Nosso Senhor lhes comunica”.<sup>6</sup>

Portanto, a medida da resposta é a medida da graça comunicada. Em outras palavras, não existe medida. Aqui, o horizonte da comunhão sponsal de Paula com o seu Jesus na oração aparece totalmente rasgado, aberto para acolher e viver, “sem fronteiras”, as aventuras amorosas que Ele desejar. Isso se deduz da orientação dada por Paula, que esconde e revela a sua experiência do deixar-se levar, nas asas do amor, às alturas desejadas por Deus.

Assim, na “escola do irmão”, passa dos exercícios de piedade sóbrios e substanciosos a uma oração de simplicidade, ajudada também por dois grandes mestres espirituais, em cuja doutrina, segundo seu próprio testemunho, D. José mergulhara: Santo Afonso de Ligório e Santo Inácio de Loyola.

## NO CAMINHO, OS MARCOS DE SANTO AFONSO

Chamado “Doutor da Oração”, porque é ela que qualifica de maneira única e inconfundível sua personalidade, Santo Afonso é

4. Frassinetti, Paola, cartas 324,3, 29 de março de 1868.

5. Frassinetti, Paola, op. cit., 631,9, 4 de março de 1874.

6. *Constituições e Regras do Instituto das Irmãs de Santa Dorotéia*, 1851, Sumário n. 21, 117.

o homem, o mestre espiritual que, através do irmão, Paula encontra, quando toda sua alma se abre a Deus em busca profunda e, na fonte dos seus livros, bebe.

Um grande conhecedor da espiritualidade de Santo Afonso, apresentando as linhas mestras da construção do seu pensamento, define a arquitetura da piedade ligoriana como “oração e graça”. “A graça é pedida, mas a vontade é também mobilizada. É um método de abandono combinado com um método de ascese, fundidos numa unidade que se expressa nas palavras do pai-nosso: seja feita a tua vontade. Palavras de adesão passiva à vontade divina e promessa de cooperação ativa com essa mesma vontade.”<sup>7</sup>

Talvez não possamos encontrar palavras mais adequadas para apresentar a atitude orante de Paula. De fato, na sua procura do Amado, na estrada que percorre em busca de Jesus, para fazer com Ele a Vontade do Pai, abandono e ascese caminham juntos. A sua oração é feita de atividade e passividade que a conduzem da procura à entrega, para deixar-se fazer por Ele:

...“*deixemos Deus fazer... e puxemos o carro, enquanto Deus quiser*”...<sup>8</sup>

Renunciando a toda iniciativa e a todo querer, Paula cria espaço para que o querer divino a invada, concretizando o desejo mútuo de união total. A motivação última desta atitude é o amor profundo e incondicional que, identificando a Jesus no abandono ao Pai, a identifica também no compromisso com a salvação dos homens.

Como Santo Afonso, vai fundamentar a necessidade da oração na sua relação direta com a salvação. Segundo ela, não devemos rezar só por nós, mas dilatar as fronteiras da nossa oração, fazendo-a atingir o horizonte da salvação do irmão:

“*Oh, minhas queridas Irmãs, quantos pecados se cometem e quantas almas vão para o Inferno!... Rezemos muito pelos*

7. Velocci, G., *Pregliera e salvezza: sant'Alfonso de Liguori*, 368.  
8. Frassinetti, Paola, op. cit., 457,8, 20 de junho de 1871.

*pobres pecadores e sacrifiquemo-nos muito por eles, para obter de Deus a sua conversão*”.<sup>9</sup>

E como o empenho pela própria salvação e pela dos outros nasce da descoberta da pessoa adorável de Cristo e da sua missão redentora, Paula faz desta realidade o núcleo de sua ação apostólica e objeto de oração:

“*Rezemos muito, muito, cansemo-nos muito para dar a conhecer o nosso bom Jesus*”.<sup>10</sup>

Característica do seu amor para com o Cristo, esta é também uma característica da sua oração. Porque O ama e assume no amor tudo aquilo que Ele ama, quer colaborar na redenção do mundo, fazendo da salvação do homem não só empenho de sua ação, mas, sobretudo, objeto de sua oração. Esta paixão pelo “homem vivo” que para Santo Irineu se identifica com a “Glória de Deus”, e para alguns autores espirituais com a sua Vontade, explica e ilumina algumas orações de súplica de Paula, centradas no desejo e na realização da sua Vontade:

“*Reza... para que aconteça o que for da maior glória de Deus*”...<sup>11</sup> “...*Rezemos para que o Senhor disponha do que for para a sua maior glória*”...<sup>12</sup>

“...*rezemos e rezemos muito, para que se cumpra, em nós, a santíssima vontade de Deus*.”<sup>13</sup>

Tendo assumido através da identificação com Cristo sua atitude fundamental diante do Pai e diante dos homens, a trama de sua oração é variada e exprime, como em Santo Afonso, os sentimentos que se podem alternar num coração possuído por essa dupla paixão: adoração, louvor, ação de graças, súplica, abandono. Talvez tenha

9. Frassinetti, Paola, op. cit., 750,5, 27 de fevereiro de 1876.  
10. Frassinetti, Paola, op. cit., 277,4, 28 de dezembro de 1866.  
11. Frassinetti, Paola, op. cit., 68,3, 2 de maio de 1850.  
12. Frassinetti, Paola, op. cit., 244,3, 14 de fevereiro de 1866.  
13. Frassinetti, Paola, op. cit., 244,4, 14 de fevereiro de 1866.

lido diretamente na fonte o que diz o Santo no seu tratado sobre o “Modo de conversar contínua e familiarmente com Deus”. Porque muitas orientações dadas por ele para se chegar a essa atitude orante são encontradas em suas cartas e testemunhadas em sua vida:

- tornar-se pequena, abaixar-se na Sua presença, recordando as ingratidões feitas, mas tratá-Lo com amor terno e confiante;
- reconhecer Nele o mais sublime Senhor, mas reconhecer ainda o maior Amante.

A consciência da transcendência e da proximidade se alterna nos escritos de Paula, confirmando que o Deus de sua oração é o Deus de Jesus Cristo, Verbo feito Carne. É o Deus transcendente que se faz Homem para se tornar “próximo”. É o Deus que assume a humanidade do homem, para fazê-lo participar de sua divindade.

A consciência da transcendência e proximidade de que falamos explica, por si só, a maravilha que se revela como atitude interior na oração, através destas palavras:

*“A consolação que me trouxeram as boas notícias, não posso exprimi-la por palavras, exprimo-a, porém, com sentimentos do meu coração ao meu bom Jesus e queria ser toda língua para agradecer-lhe e ao mesmo tempo pedir-lhe que se digne continuar a derramar as suas misericórdias sobre todas nós”.*<sup>14</sup>

Essa “oração do coração”, na qual foi iniciada pelo irmão, de quem aprendeu a expressar nos encontros com o seu Jesus os sentimentos que experimenta, ganha profundidade no contato com as obras de Santo Afonso. O opúsculo de que falamos termina convidando a quem deseja chegar a tratar familiarmente com Deus a inspirar-se nos acontecimentos, nas coisas, nos homens, para fazer uma oração em sintonia com a experiência presente. Como eco da sugestão dada pelo Santo, temos a experiência feita por Paula e traduzida em linguagem de orientação para as Irmãs: “Nas coisas criadas, encontrava

14. Frassinetti, Paola, op. cit., 250,2, 11 de abril de 1866.

de boa vontade argumento para elevar o coração ao amor de Deus e dizia: ‘Vede como os rios correm para o mar, assim também devemos nós tender para Deus’. E, mostrando flores e frutos, dizia: ‘Vede; Deus, desde toda eternidade, nos preparou esse prazer e esse presente’. O procurar, descobrir e relacionar-se com o Deus Criador, através do criado, onde Ele se faz presente em Jesus Cristo, é uma forma de oração, uma espécie de encruzilhada espiritual, onde se cruzam os santos. Onde se encontram, para Paula, Afonso e Inácio.

### NO CAMINHO, OS MARCOS DE SANTO INÁCIO

É o “ver a Deus em todas as coisas” de Inácio que, prolongando “o descobrir o amor do Criador na criação” de Santo Afonso, faz desabrochar em Paula a “contemplativa na ação”. Paula caminha pelos caminhos da História contemplando e seguindo as pegadas do Deus vivo, presente e atuante nela. Caminha atenta às manifestações desse Deus que, para ela, como para Inácio, é o Deus das grandes obras, o Deus de um plano amoroso, o Deus em ação amorosa, trabalhando pelo homem. Paula o descobre provendo necessidades,<sup>15</sup> intervindo na história pessoal e na história da Congregação,<sup>16</sup> dispondo,<sup>17</sup> escolhendo,<sup>18</sup> destinando,<sup>19</sup> enviando,<sup>20</sup> trabalhando nos corações,<sup>21</sup> visitando através de mediações.<sup>22</sup> Portanto, a vida, com tudo aquilo que a envolve e caracteriza, torna-se para ela um livro onde lê o amor do Amado.

Como Inácio, sua experiência espiritual parece centrar-se numa tomada de consciência do amor divino, presente e atuante no mundo através de Jesus Cristo e da Igreja, numa colaboração na sua obra, numa docilidade a Seu Espírito.

15. Frassinetti, Paola, op. cit., 3,4, 4 de outubro de 1841.  
16. Frassinetti, Paola, op. cit., 115,1, 6 de agosto de 1856.  
17. Frassinetti, Paola, op. cit., 396,1, 27 de maio de 1870.  
18. Frassinetti, Paola, op. cit., 306,3, 15 de outubro de 1867.  
19. Frassinetti, Paola, op. cit., 132,3, 6 de dezembro de 1857.  
20. Frassinetti, Paola, op. cit., 503,2, 13 de junho de 1872.  
21. Frassinetti, Paola, op. cit., 312,1, 30 de dezembro de 1867.  
22. Frassinetti, Paola, op. cit., 485,2, 17 de fevereiro de 1872.

São os Exercícios Espirituais inicianos, feitos desde os primórdios da Congregação, que a introduzem no processo de tomada de consciência, no processo de iluminação interior que a prepara para “olhar” e “sentir” a realidade de outra maneira, com outra luz e outra penetração até chegar a descobri-Lo na história, não só presente a ela, mas fazendo-a com o homem.

## PAULA E AS MEDIAÇÕES

Na escola dos Exercícios, o horizonte espiritual de Paula se dilata e o seu olhar contemplativo transforma tudo em transparência de Deus. Daí sua atenção às “mediações” usadas por Ele para comunicar-se, revelar-se e revelar seus Projetos. Inúmeros são os trechos de cartas em que ela nos apresenta o Deus vivo: *visitando*,<sup>23</sup> *escolhendo*,<sup>24</sup> *enviando em missão*,<sup>25</sup> *sustentando*,<sup>26</sup> *aprovando planos*,<sup>27</sup> *desmanchando planos*,<sup>28</sup> através das mais variadas “mediações”. Creio que de Paula se poderia dizer aquilo que foi dito de Inácio, sobre sua oração e sobre a oração que propõe e ensina: “Tipificaram-se por uma respeitosa observação das ‘mediações’”.

Nessa fonte, na “mística das mediações” de Inácio, Paula bebeu e saciou a sede que o “desejo de ver a Deus em todas as coisas” suscitava nela.

Não teve, como o autor dos Exercícios, nenhuma “iluminação” às margens do Cardoner, mas aparece identificada com a sua visão teológica da criação e redenção, onde tudo é centralizado em Jesus Cristo MEDIADOR. Jesus se torna seu “*Pedagogo, Mestre e Guia*”<sup>29</sup> e na escola do Presépio e do Calvário, recebe a chave de leitura para descobrir, através das “mediações” a mensagem que Ele lhe envia.

23. Frassinetti, Paola, op. cit., 23,1, 20 de novembro de 1845.

24. Frassinetti, Paola, op. cit., 306,3, 15 de outubro de 1867.

25. Frassinetti, Paola, op. cit., 503,2, 13 de junho de 1872.

26. Frassinetti, Paola, op. cit., 508,12, 2 de julho de 1872.

27. Frassinetti, Paola, op. cit., 255,2, 31 de julho de 1866.

28. Frassinetti, Paola, op. cit., 340,2, 20 de agosto de 1868.

29. Frassinetti, Paola, op. cit., 98,4, 16 de dezembro de 1853.

*“O Santo Presépio e o Monte Calvário, desejaria que fossem as duas escolas freqüentadas por vós, onde aprendêsseis as preciosas lições que dá, a todas, o Coração SS. de Jesus.”*<sup>30</sup>

*“Minhas queridas Irmãs, estudemos, verdadeiramente, Jesus Cristo.”*<sup>31</sup>

Paula estudou e não só descobriu a “chave de leitura” para captar as mensagens enviadas através das “mediações”, mas aprendeu também a responder ao amor que se revela como conteúdo central de todas essas manifestações.

*“O Verbo Eterno fez-se carne e veio nascer nesta... terra... para assim nos ensinar o belo segredo do amor.”*<sup>32</sup>

*“...desde que... desceu à terra o Verbo de Deus... o homem soube em que deve consistir o verdadeiro amor.”*<sup>33</sup>

*“...no Monte dos amantes, aprendamos, de Jesus Crucificado, o modo como devemos mostrar a Deus o nosso amor.”*<sup>34</sup>

Essa “atenção” de Paula à ação de Deus torna-se escuta das pessoas, dos acontecimentos, para discernir na fé a Palavra pronunciada por Ele em cada situação concreta. Torna-se percepção dos movimentos que Ele suscita em seu interior para segui-los. Assim, preparada pela capacidade co-natural que dá o amor, como a esposa do Cântico que diz: “Uma voz! O meu amado”,<sup>35</sup> Paula reconhece a voz do Esposo, entre todas as outras, e, reconhecendo-a, segue-a. Com uma coragem imbatível, enfrentando a tudo e a todos, caminha, sob a guia dessa “bússola”.

## PAULA E AS FORMAS DE ORAÇÃO

Nesse caminhar é a pedagogia inicianiana da oração que, como bússola, lhe oferece a direção certa para “chegar” e perscrutar os

30. Frassinetti, Paola, op. cit., 665,3, 22 de novembro de 1874.

31. Frassinetti, Paola, op. cit., 665,4, 22 de novembro de 1874.

32. Frassinetti, Paola, op. cit., 274,2, 17 de novembro de 1866.

33. Id., *ibid.*

34. Frassinetti, Paola, op. cit., 665,4, 22 de novembro de 1874.

35. CC 2,8.



segredos do “Grande Livro”: a vida e a Pessoa de Jesus.\* Seguindo-a, o seu coração amante faz uma magnífica fusão entre o Mestre, o livro, a escola. O Presépio, Nazaré, o Calvário tornam-se escola; o “Menino” e o “Crucificado”, livros; o Coração de Jesus, o Mestre. Nessa “escola”, não só se matricula, freqüenta assiduamente; nesse livro não só lê, medita; a esse Mestre não só escuta, contempla. E, contemplando, Ele se torna também o Modelo que ela procura “copiar”, “retratar”, “imitar”. Assim, nessa Escola, a atividade caracterizada pelo estudar, aprender, copiar, retratar e imitar, torna-se oração, porque realizada através da reflexão e da escuta de Paula, na meditação, do seu olhar orante na contemplação e do seu “saborar” na repetição.

*“Meditai muitas vezes como um Deus se faz criança por vós. Um Deus em um estábulo, como um desprezível verme! Um Deus envolvido em faixas, e tudo por vós, para que vos enamo-reis Dele e das santas virtudes do Seu Santíssimo Coração.”*<sup>36</sup>

Paula medita e convida suas filhas a fazerem o mesmo. Propondo o conteúdo da meditação, o dado da fé a ser aprofundado, ela chama a atenção para alguns aspectos que devem ser assimilados de modo especial, destacando a motivação profunda de todos eles: POR VÓS...

Destacando o “POR VÓS” que caracteriza o amor que se entrega, Paula quer mover a vontade, seja criando espaço para que os afetos, provocados pelo exercício da memória e da inteligência, se possam expandir, seja convidando a aplicações práticas, a confrontar a vida e tomar resoluções, um dos fins principais da meditação.

*“Aproveitemo-nos... das meditações sobre o grande mistério da Encarnação do Verbo Divino, para mover eficazmente a nossa*

\* “... as Regras não se hão de ler como divertimento. A mim basta-me que nelas exista o fundamento da virtude que nos permita formar-nos bem espiritualmente e que esteja tudo estabelecido, fixado e bem previsto em ordem à observância regular... Quanto ao modo de orar, ... é o modo que Santo Inácio deixou escrito nos seus *Exercícios*”. C. 213,3 — 4-7-1864.

36. Frassinetti, Paola, op. cit., 556,5, 5 de novembro de 1873.

*vontade e eliminar de nós tudo o que não é conforme com os exemplos que Jesus Menino nos deu, no seu nascimento.”*<sup>37</sup>

Paula sabe que meditar não é estudar a fundo uma questão, um dado da fé, para encontrar a verdade. Sabe que meditar é escutar a voz de Deus, falar-lhe, oferecer-se para trabalhar por sua glória, cumprir em tudo sua Vontade. Sabe que o mais importante é deixar espaço para os atos que o Espírito Santo suscita, é deixar espaço para ser conduzida por Ele. Este deixar espaço a Ele são atos de contemplação e a sua repetição vai gerando, na vontade, o hábito de contemplar. A meditação bem-feita vai preparando a contemplação. Paula vive isso. Faz essa experiência. Na escola de Inácio, descobre que no amor, à medida que se mergulha, que se penetra e se deixa penetrar, muda a maneira de o Amado ser presente ao amante e do amante ao Amado. As palavras começam a ser supérfluas e a atenção do coração se concentra no OLHAR. É precisamente esta simplificação que transforma a meditação em contemplação. Portanto, “contemplar”, como nos propõe Paula, à luz de Inácio, é um “olhar Jesus”. Um olhar que vai além do fato histórico e faz penetrar no mistério e ser por ele penetrada:

*“...uno-me a vós para contemplar o Menino nascido na gruta de Belém. Entremos, portanto, ... nessa afortunada gruta e olhe-mos com viva fé para aquele delicado e querido Menino que treme de frio, sobre um punhado de palha dura...”*<sup>38</sup>

O olhar Jesus, que Paula aprende de Inácio, é um olhar de maneira a intuir, um olhar que penetra para admirar, para deixar-se surpreender pelo seu mistério. “Oh, santa fé, que coisas me fazes ver”, exclama! É um olhar para ser, para realizar-se, como pessoa chamada à comunhão amorosa com Ele.

Esse olhar profundo desperta o desejo de “conhecê-Lo interiormente”, ao mesmo tempo que possibilita esse conhecimento, intensificando-o sempre mais, até chegar à transformação dos próprios

37. Frassinetti, Paola, op. cit., 190,2, 16 de dezembro de 1861.

38. Frassinetti, Paola, op. cit., 119,1.2, 23 de dezembro de 1856.



sentimentos, nos sentimentos de Jesus, até chegar a uma assimilação total, até chegar a ser como o Pai deseja — imagem de Jesus.

“...peça-lhe que infunda na sua alma os dulcíssimos sentimentos do seu sacratíssimo Coração...”<sup>39</sup>

“Correspondamos a esse excesso de amor. O melhor modo de correspondermos a Deus é tornar-nos tais como Ele nos deseja.”<sup>40</sup>

É através desses encontros que o Espírito Santo vai imprimindo em Paula a imagem de Jesus, que vai modelando seu coração, segundo o Coração do Mestre.

Paula deixa-se marcar, deixa-se modelar e permanece atenta a esta ação interior, para colaborar com ela, em cada situação concreta. É da Me. Vassallo este belíssimo testemunho que revela, desde os primórdios, a preocupação de Paula e de suas companheiras em manter a atenção amorosa voltada para o trabalho do Espírito realizado em cada uma; autêntica oração inaciana de repetição.

“Depois de ter iniciado a oração, passavam uma hora em silêncio, trazendo à memória os bons pensamentos, as santas inspirações tidas no contato íntimo com Deus na meditação, durante a Santa Missa e a Santa Comunhão.”<sup>41</sup>

As fontes que usamos não trazem uma alusão explícita à oração de exame, seja exame da oração, seja exame de consciência, como uma percepção de “moções”, como uma contemplação da ação de Deus em si mesma. Entretanto, considerando a mulher de discernimento que foi Paula e considerando, como faz Inácio, a oração de exame, o meio privilegiado para aprendizagem do discernimento, podemos afirmar que ela a viveu nesse nível. Assim, abandonando-se à ação do Espírito, na meditação e contemplação; prestando depois “atenção” à ação realizada em seu interior para perceber a direção e colaborar com ela nos exames; parando para saborear os “toques”

39. Frassinetti, Paola, op. cit., 510,4, 8 de julho de 1872.

40. Frassinetti, Paola, op. cit., 352,2, 23 de dezembro de 1868.

41. Vassallo, M. E., *Memorie intorno alla Madre Paola Frassinetti*, 97.

mais fortes na oração de repetição, Paula prepara-se para os mais altos vãos na intimidade com Ele. Paula prepara-se para atingir os altos cumes da oração.

Assim, a “oração do coração” e de “simplicidade” na qual foi iniciada pelo irmão, aperfeiçoada no contato com as obras de Santo Afonso, encontra na pedagogia inaciana de oração um espaço amplíssimo para chegar a um pleno desabrochar. Passa, pois, de uma oração discursiva, abundante em palavras, a uma oração simplificada, na qual basta um sentimento de amor, de adoração para plenificá-la e fazê-la silenciar, fascinada diante do Mistério, ao qual se entrega.

“O estar com Jesus não cansa nunca... Não posso mais recitar longas orações vocais, mas olho Jesus... e lhe faço companhia, em sua solidão.”<sup>42</sup>

Verdadeiramente, quando se chega a esse ponto, não se consegue fazer considerações ou atos afetivos da vontade ou do coração. Permanece-se presente a Deus, com o coração aberto, deixando a Jesus o espaço para fazer tudo. É o encontro de simples presença, do simples olhar. É um fazer companhia, um estar com Ele... basta!

Neste trecho que as *Memórias* nos apresentam, Paula, sem querer, nos traça o itinerário da sua oração. Partiu da oração vocal, longa, e chegou à oração simples, do olhar. A incapacidade que revela de não poder fazê-la de modo discursivo não é fruto do cansaço ou da idade. É que chegou a uma outra forma de relacionamento, onde as palavras não têm sentido ou parecem inúteis.

Passou o tempo da abundância dos afetos. Agora, tudo se concentra numa expressão única: “Eu olho para Ele e Ele olha para mim”. No primeiro momento, Paula tinha, como afirma, de modo prevalente “longas orações vocais”. Agora põe-se à escuta e Deus fala. No “olhar para Ele e Ele para ela”, Paula O encontra de forma nova, sob a ação do Espírito que está nela e que nela reza.

42. *Memórias acerca da venerável Serva de Deus Paula Frassinetti e do Instituto por ela fundado*, v. II, cap. XXII, 177.

Que Paula tenha chegado, em determinado momento da sua caminhada espiritual, à contemplação infusa, que tenha chegado à experimentar alguns estados místicos, é uma conclusão que se impõe, baseada no que ela disse e no que dela se afirma.

“...algumas vezes, na oração, estava tão enlevada, estava como que fora dos sentidos e não compreendia e nem se dava conta daquilo que acontecia ao redor.”<sup>43</sup>

“Às vezes, mergulhava na oração, tanto na capela como no quarto... para que se apercebesse de minha presença... andava em volta passando defronte; mas ela não notava...”<sup>44</sup>

Uma palavra de Santa Teresa fundamenta com mais força iluminativa, se bem que de forma indireta, a afirmação que acabamos de fazer sobre a entrada de Paula na contemplação infusa. Estabelece a grande Doutora Mística uma estreita relação entre a contemplação e o dom de si, dizendo que, se “aquele tesouro não nos é dado todo de uma vez é porque nós não nos damos a Deus totalmente”.<sup>45</sup> E apresenta, como meios para se chegar a esses cumes: “Colocar a vossa vontade nas suas mãos e desapegar-vos das criaturas... porque com essa oferta nos dispomos a atingir, rapidamente, o termo do caminho e a beber a água viva daquela fonte... Está fora de dúvida que Ele não permitirá nunca beber dela quem não fizer o pacto de oferecer-lhe toda a vontade, de modo que possa dispor de nós e das nossas coisas, como melhor lhe apraz”.

Paula, em um dos pouquíssimos momentos de transbordamento do seu relacionamento amoroso com Jesus, que esconde, como parte do seu segredo, escreve:

“O meu Jesus Cristo sabe que comigo não erra; há tantos anos fizemos os nossos pactos, portanto, aquilo que faz de mim e das coisas que me pertencem, pode fazer, que tem sempre o meu consentimento”.<sup>46</sup>

43. *Summarium super dubio*, n. VII, § 1, 142.

44. *Ibid.*, § 13, 147.

45. Teresa de Jesus, *Camino de perfección*, cap. 32,9, 697.

46. Frassinetti, Paola, op. cit., 620,4, 8 de janeiro de 1874.

Neste testemunho pessoal, encontramos traduzido em vida o conselho de Santa Teresa, que conclui a sua explicitação dizendo: “Isso é contemplação perfeita”. Portanto, se esta atitude, segundo a grande mística, é condição para a contemplação perfeita, podemos dizer que Paula bebeu a água viva de que fala a Santa e chegou ao cume da contemplação infusa.

Partindo agora não do “dom de si”, mas do “fazer a vontade de Deus”, iluminada, não por Santa Teresa, mas por Santa Verônica Giuliani, podemos fazer a mesma afirmação. Diz Santa Verônica: “Fazendo nós essa divina vontade, chegamos a possuir todas as graças de Deus e todos os seus dons...” “Ela é meio para ligar-nos a Deus; ela é porta para introduzir-nos em Deus; ela é chave... Não direi mais, porque não digo nada do bem que ela traz à alma, se, verdadeiramente, a ela se abraça.”<sup>47</sup>

Paula, que fez de sua vida um “hino à Vontade de Deus”, não teria recebido o dom de contemplar de modo perfeito o objeto de tanto amor, Aquele cuja vontade tornava-se para ela “paraíso”?

Creio que, embora carecendo de um estudo teológico espiritual específico, podemos antecipadamente falar da Paula mística, da Paula contemplativa.

Ela sabe, por experiência, que a história da oração de cada pessoa está estreitamente ligada à história do seu amor. Em suas numerosíssimas cartas, não a vemos preocupada em apresentar métodos ou formas de oração. Para ela a oração parece reduzir-se a encontrar Jesus num relacionamento afetivo que centraliza tudo e tudo envolve. Portanto, a sua preocupação era com Jesus, o interlocutor do diálogo amoroso, o Esposo. E, ao apresentá-Lo a suas filhas, o faz através de belíssimas expressões — legado precioso que deixa à Congregação, escrito com as cores vivas de seu amor apaixonado por Ele. Esse amor a abandona nos seus braços e a oração torna-se não um fazer qualquer coisa, mas um deixar-se fazer por Ele, um entregar-se, um pôr-se à disposição:

“...dê-se toda a Jesus, seu Esposo e deixe que Ele a governe.”<sup>48</sup>

47. Verônica Giuliani, *Esperienza e Dottrina Mística*, 398-399.

48. Frassinetti, Paola, op. cit., 606,3, 8 de novembro de 1873.

Para ela:

O FRUTO dessa oração: o AMOR

*“Seja... o fruto das nossas meditações um grande amor a Jesus, nosso Esposo.”*<sup>49</sup>

O LUGAR dessa oração: o CORAÇÃO

*“...desse Sagrado Coração, elevemos a Deus Pai, unânime oração...”*<sup>50</sup>

A FORMA dessa oração: o OLHAR A JESUS

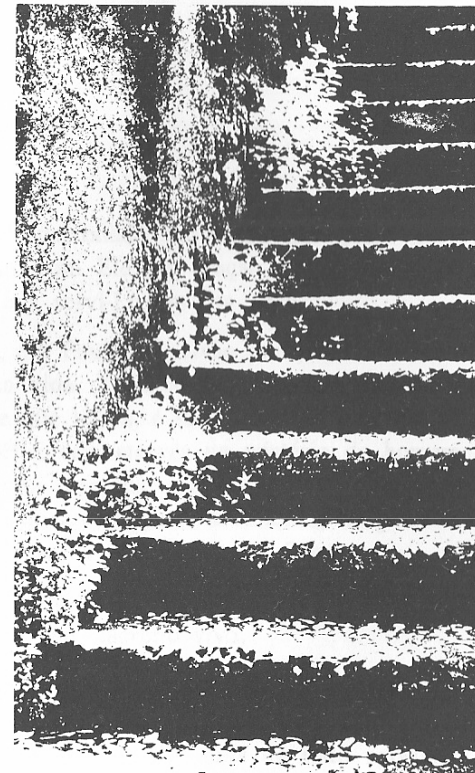
*“...olho Jesus... e lhe faço companhia, em sua solidão...”*<sup>51</sup>

Em Paula, a oração parece caracterizar-se como um encontro amoroso entre duas pessoas, ou seja, entre a sua pessoa e a Pessoa de Jesus, vista e apresentada por ela, através de tantos textos, como ESPOSO. Esse relacionamento esponsal, à medida que percorre o itinerário traçado pelo Espírito e que é vivido “segundo a medida da graça que Deus N. S. comunica a cada uma”, vai assumindo novas dimensões de intensidade e novos graus de intimidade. Na sua escola, a resposta orante não é a mesma para todas, nem é a mesma em cada momento de nosso itinerário, rumo à entrega total. Na sua escola, cada uma encontra espaço aberto, ilimitado para os mais altos vôos do amor — “segundo a medida da graça que Deus Nosso Senhor lhe comunica”.

49. Frassinetti, Paola, op. cit., 119,4, 23 de dezembro de 1856.

50. Frassinetti, Paola, op. cit., 250,3, 11 de abril de 1866.

51. *Memórias*, op. cit., v. 2, cap. XXII, 117.



## O RELACIONAMENTO AMOROSO E A AÇÃO

Aquela atenção amorosa que, na Paróquia de Quinto, despertava Paula várias vezes à noite, para manter acesa a lâmpada, que ardia do sacrário, é a mesma que a mantém vigilante na caminhada da vida, preocupada em conservar acesa, em cada homem, sacrário vivo de Jesus, a chama da fé.

O amor apaixonado de Paula por Jesus caracterizou o seu relacionamento com Ele, na oração e, impulsionou-a a buscá-Lo, a encontrá-Lo e a servi-Lo em sua ação.

De fato, em Paula, a paixão por Jesus é a realidade mais profunda de sua vida. Transbordando na contemplação e na ação, é sempre a Ele que busca, é sempre a Ele que encontra, seja através do Seu Mistério, seja através do mistério do homem. Portanto, sua vida, verdadeira fornalha, era formada por essas duas chamas, ardendo continuamente em perfeita sintonia, em perfeita unidade, como testemunho do seu profundo amor a Cristo.

A esse Cristo, que encontrava vivo no sacrário, encontrava-O também no homem, sacrário vivo.

Com essa atitude, embora disso não tivesse consciência, ela se antecipa aos tempos e concretiza o que a *Lumen gentium*, 33 afirmará um século depois: “A alma de todo apóstolado é o amor a Deus e aos homens”.

Na vida de Paula, as chamas desses dois amores se encontram sempre unidas, alimentando-se mutuamente, formando o “facho ardente”, aceso e vivificado aos pés da cruz.

Foi ali que, “lendo e estudando no grande livro do Crucifixo”, captou de modo privilegiado o amor do Amado pelo Pai e pelo homem.

Foi ali, nessa “escola”, que permitiu ao Espírito Santo gravar em seu coração, com caracteres indelévels, a mesma paixão de Jesus.

Foi ainda ali que, tendo os seus sentimentos transformados nos Dele, deixou-se queimar por esses dois amores unificados para ela na vontade de Deus e na busca de sua Glória, que, para Santo Irineu é o “homem vivo”.

Foi finalmente ali que “compreendeu” que o homem vale o que vale “o sangue e a vida de Jesus”.<sup>1</sup>

Foi ali que assumiu o compromisso de colaborar com Ele na salvação desse homem, empregando nisso todos os “dons” da natureza e da graça.

Testemunham as *Memórias*: “A glória de Deus e o bem do próximo eram a alma daquele zelo no qual ardia, não desejando outra coisa senão impedir pecados e salvar almas. Nesse zelo se inflamava toda, cada vez que se falava sobre o assunto: zelo que não se satisfazia com sentimentos estéreis, mas passava à ação, não deixando escapar nenhuma ocasião favorável para fazer o bem. E solícitamente aproveitava todas, malgrado a incomodidade e o sacrifício”.<sup>2</sup>

Assumindo a paixão de Jesus pelo homem, Paula acolhe com o mesmo amor com que o Amado acolhe e escreve:

*“Olhá-las-ão como o depósito mais precioso que o amor de Jesus Cristo lhes pode confiar”.*<sup>3</sup>

*“...custaram a Jesus Cristo o Sangue e a Vida.”*

Assume, com a paixão do Amado, o compromisso com salvação dos homens,

*“...tornando-se mães, velando incessantemente sobre elas, para afastá-las de tudo o que poderia manchar-lhes a inocência, não poupando diligências, para que seja recuperada por aquelas que tivessem tido a desgraça de perdê-la”.*<sup>4</sup>

1. *Constituições e Regras do Instituto das Irmãs de Santa Dorotéia*, 1851, Sumário, parte I, § 61, 125.

2. *Memórias acerca da venerável Serva de Deus Paula Frassinetti e do Instituto por ela fundado*, v. 2, cap. XXVI, 543.

3. *Constituições*, op. cit., Sumário, parte I, § 62, 125.

4. *Ibid.*

Aquela atenção amorosa que, na Paróquia de Quinto, despertava Paula várias vezes à noite, para manter acesa a lâmpada, que ardia diante do sacrário, é a mesma que a mantém vigilante na caminhada da vida, preocupada em conservar acesa, em cada homem, sacrário vivo de Jesus, a chama da fé.

Em Paula, se percebe que atrás de cada ação apostólica há um Alguém. Percebe-se que a força, a raiz do seu apostolado não estão numa pastoral organizada, num planejar e executar bem aquilo que faz, mas está em Alguém. Alguém que, sendo Fogo vivo de amor, a transforma em si mesmo e, abrasada e abrasando, a envia aos homens.

*“Deus vos conserve no seu santo amor e vo-lo aumente de dia a dia, de momento a momento, de tal maneira que possais atear o fogo, aonde quer que chegueis. Inflamai todos no santo amor, inflamai todos os que de vós se aproximem. Oh, minhas queridas Irmãs, quão pouco amado é Jesus.”*<sup>5</sup>

Fogo ardendo diante dele na oração, Paula é fogo propagador na sua ação, acendendo ou reavivando no amor as chamas apagadas dos homens.

É neste Alguém que ama com paixão que se esconde o segredo do zelo incansável de Paula, que não arrefece, nem pára, senão quando tiver queimado todo o mundo. Daí o serviço valioso prestado por ela à Igreja, uma vez que, segundo São João da Cruz, o maior dom que se pode fazer para o bem da Igreja e das almas é o amor.<sup>6</sup>

E acrescenta o Doutor Místico: “Onde se ama mais, aí se realiza o melhor apostolado”.<sup>7</sup>

A vida apostólica de Paula não começou na casinha de Quinto, nem mesmo na Paróquia do irmão, considerado o “Cura d’Ars italiano”. Seu início remonta à casa paterna, aos tempos da infância,

5. Frassinetti, Paola, cartas 363,9, 29 de março de 1869.

6. Cf. Pigna, Arnaldo, *Valore ecclesiale della contemplazione*, 207.

7. *Id.*, *ibid.*



quando, em seu coração, o Espírito acendeu o fogo dessa dupla paixão.

O termo dessa ação também não é assinalado pelo momento em que não pode atuar com a intensidade com que sempre o fez. Foi apóstola na Igreja até o fim e no fim, quando, deixando cair todas as motivações secundárias, permanece somente a fundamental: O AMOR.

*“Correspondei, minhas amadíssimas irmãs, a tanta bondade de Deus para convosco, amando-O muito, muito!... Procurai também que seja conhecido e amado pelo vosso próximo, no maior número possível; e, quando não puderdes ajudá-lo, com a ação, ajudai-o com a oração e com generosos sacrifícios, que oferecereis a Deus, em seu benefício.”<sup>8</sup>*

Amado apaixonadamente Jesus Cristo, Paula ama não só o que Ele amou, mas como Ele amou. A identidade é buscada não só nos fins, mas nos meios. O amor ao Esposo leva-a a buscar não só a identidade de destino, mas a identidade de caminho.

Percorrer os mesmos caminhos percorridos por Ele, possuída pela mesma paixão: salvar o homem e, com isto glorificar o Pai, é o seu ardente desejo. Por esse motivo a inatividade externa, a redução da atividade apostólica não explicam, nem justificam uma diminuição desse ardor, porque:

*“...lembrar-se-ão, mais do que nunca, de que, entrando no Instituto de Santa Dorotéia, se deram de modo particular à salvação das almas e se consagraram a Deus, na qualidade de vítimas unidas a Jesus Cristo, Salvador dos homens, o qual se ofereceu ao Pai, como vítima universal. E se esforçarão por obter a conformidade de suas disposições interiores com as de Jesus Cristo”...<sup>9</sup>*

8. Frassinetti, Paola, op. cit., 750,3, 27 de fevereiro de 1876.

9. *Constituições*, op. cit., parte II, cap. V, 5,45.

## PAULA APÓSTOLA, MULHER

Creio que a maneira de Paula vivenciar sua dupla paixão por Jesus Cristo e pelo homem pode ser traduzida nesta belíssima expressão de Santa Teresinha, em sua *Autobiografia*: “Ser tua Esposa, Jesus; ...ser, pela minha união contigo, mãe das almas”.

Em Paula que se consagra totalmente a seu Deus, podemos encontrar a mulher que realizou sua vocação feminina de esposa e de mãe. Se a dimensão sponsal caracterizou o seu relacionamento com Jesus, é a dimensão materna que vai dar o mais belo colorido ao seu relacionamento com os homens em geral e de modo especial com as Irmãs:

*“...amo todas igualmente com amor materno; todas me estão gravadas no coração, com caracteres indelévels...”<sup>10</sup>*

*“Bravo, minhas irmãs, minhas entranhas, a mim mais queridas do que a minha própria vida!”<sup>11</sup>*

Essa mulher-mãe que desabrocha em Paula-apóstola é fruto da ação do mesmo Espírito que a fez esposa. Entregando-se, deixa-se fecundar por Ele e o seu seio torna-se um espaço onde todos são acolhidos como filhos na própria casa.

*“...deve considerar-se como aquela que ocupa o lugar de mãe para todas... Terá, pois, para todas um coração de mãe... Velará com atenção materna...”<sup>12</sup>*

Nesse seio, todos são gerados para uma identificação com Jesus, segundo os traços da mãe; nesse seio todos se alimentam do pão que é o seu Corpo e do vinho que é o seu amor. Nesse seio todos se comprometem a seguir Jesus Cristo até o fim, assumindo a causa da construção do Reino. Por este seio, todos são levados ao Coração de Jesus, onde deverão “permanecer”, até serem por Ele conduzidos, ao seio do Pai, na eterna comunhão trinitária.

10. Frassinetti, Paola, op. cit., 867,3, 4 de janeiro de 1881.

11. Frassinetti, Paola, op. cit., 363,8, 29 de março de 1869.

12. *Constituições*, op. cit., parte III, cap. V, 3, 68.

As filhas no seio de Paula-mãe; Paula com as filhas no seio do Coração de Jesus; Jesus, no seio do Pai. Aqui, o segredo da sua fecundidade apostólica. A semente do amor a Cristo e aos homens, lançada e fecundada pelo Espírito, em seu seio, gerou comunhão. E o seu seio, espaço de acolhida, tornou-se espaço de comunhão.

Daí o amor fraterno, a unidade, que devem caracterizar os membros da família, gerados nessas entranhas de comunhão. Assim, onde houver uma autêntica filha de Paula, nascida de sua união sponsal com Jesus, haverá sempre um espaço aberto à comunhão, uma força criadora, impulsionadora e distribuidora de comunhão, fazendo de todos “um só coração, no Coração de Jesus”.

Integrar essa família e não revelar em sua fisionomia espiritual esse traço é deixar em dúvida a legitimidade de sua filiação.

Chegando a esse ponto, não me parece fácil precisar a fonte dessa intuição teológico-pastoral de Paula.

Não sei se porque tendo captado, através do Espírito, a Trindade como mistério de comunhão e o homem como vocacionado a participar desta comunhão, ela se sente atraída pelo Coração de Jesus, como fonte desse amor-comunhão ou se, porque vivendo NESSE Coração, bebendo os seus sentimentos mais profundos, assimilou a fome daquele mesmo coração, nascendo daí o desejo de oferecer-se em comunhão, construir comunhão em todos os níveis, entre aqueles por ela gerados espiritualmente e por isso tornados filhos da comunhão.

*“Tinha as entranhas ternas e cheias de compaixão... Verdadeira mãe de todos: suas religiosas, educandas, estranhos, não desejando outra coisa, senão promover do modo que lhe fosse possível, a divina glória e o bem das almas.”<sup>13</sup>*

Portanto, a ação apostólica de Paula não é consequência de um temperamento ativo, nem se caracteriza pela transmissão de um conteúdo teórico, aprendido nos livros. E água transbordante da fonte da intimidade sponsal com Jesus.

13. *Memórias*, op. cit., v. 2, cap. XXVI, 545.

## O TESTEMUNHO

O apostolado é para Paula um testemunho, é partilha da experiência profunda, vivida no relacionamento com o Esposo.

O conteúdo do seu anúncio é Jesus Cristo, descoberto através da contemplação na totalidade dos seus mistérios, sobretudo no Mistério Pascal.

*“...colocar-lhes-á sempre diante dos olhos o grande mistério da Paixão e Morte de Jesus Cristo que se ofereceu ao Eterno Pai em sacrifício, pela nossa salvação.”<sup>14</sup>*

Convencida, profundamente convencida de que o CONTEÚDO a ser anunciado não são conceitos, nem princípios morais, mas ALGUÉM, a sua principal preocupação é pôr a pessoa em contato direto com esse ALGUÉM, ou seja, com a Pessoa de Jesus.

*“...Apresentar-lhes-ão este Coração fonte de todas as graças; este Coração tão amante e tão amado... Depois... voltar os seus ternos corações para o Divino Coração e... fazer com que Nele conheçam o centro e a fornalha daquele amor ardente em que se inflama pelos homens e por elas em particular...”<sup>15</sup>*

A sua pedagogia catequética fundamentar-se-á no ajudar as pessoas: irmãs, crianças, jovens, a descobrir o amor de Jesus Cristo e a responder com todo o coração, vivendo assim, em comunhão de amor com Ele.

*“Para as meninas... era uma verdadeira mãe!... Recebeu uma... de três ano incompletos... e, colocando-a sobre os joelhos, dava-lhe a beijar o Crucifixo e lhe perguntava: ‘Quem é este?’... ensinando-lhe como se chamava e como havia morrido na cruz por nossos pecados. Contava-lhe a paixão de Jesus Cristo de maneira adaptada à sua pequena inteligência.”<sup>16</sup>*

14. *Constituições*, op. cit., parte III, cap. IV, 13, 65.

15. *Ibid.*, 14, 65.

16. *Memórias*, op. cit., v. 1, cap. V, 79.

Se era bela a apresentação, mais belo era o respeito e o amor com que suscitava a resposta ao amor revelado.

*“A eles perguntar-se-á com doçura que sentimentos experimentam dentro de si mesmos e que querem fazer para provar ao Divino Coração o seu amor e reconhecimento... ter-se-á, porém, o cuidado de dirigir com discrição e sabedoria a vivacidade dos seus sentimentos e de não conceder aos impulsos do seu coração senão aquilo que com prudência se julgar conveniente à idade, às forças e ao crescimento espiritual de que são suscetíveis, deixando-lhes sempre o desejo de algo mais.”<sup>17</sup>*

Elaborando uma pedagogia que possibilita o conhecimento através da experiência, Paula simplesmente traduz em passos metológicos aquilo que “viu” e “ouviu” na contemplação do Amado. Dessa contemplação que a mergulha no Mistério e a faz beber na fonte viva do Coração de Cristo, nasce o seu caminho apostólico, caracterizado pelo DESPERTAR OS CORAÇÕES, para Jesus, pela revelação do seu amor, suscitando o desejo de conhecê-Lo.

*“...procurarão, na medida da graça que Deus lhes comunicar, ganhar o coração das meninas e de todas as pessoas... e voltá-las inteiramente para Aquele por quem foram criadas.”<sup>18</sup>*

O rico em Paula é que caracteriza bem a atitude interior de quem faz o anúncio e a forma concreta de fazê-lo: “... com fervorosa oração, com um porte edificante, bem composto e modesto, proveniente da mortificação das paixões e da paz do coração, com maneiras suaves, afáveis e atraentes...”<sup>19</sup>

O contexto do anúncio é um contexto de relacionamento afetivo. Um afeto que se procura suscitar, não para fazê-lo parar em si, mas para entregá-lo a Jesus.

17. *Constituições*, op. cit., parte III, cap. IV, 14, 65.

18. *Constituições*, op. cit., parte III, cap. III, 33, 60.

19. *Ibid.*

Na margem deste número das *Constituições*, em que Paula retrata a si mesma na sua missão evangelizadora, escreve: MODO DE CONQUISTAR OS CORAÇÕES PARA DEUS.

Na realidade, sua riqueza afetiva, centralizada e potenciada em Jesus Cristo, foi a grande força do seu apostolado. Atraindo a todos com o seu coração materno, levava-os a descobrir, atrás do amor que lhes oferecia, o amor imenso de Jesus a cada um, amor que ela tentava visibilizar em gestos humanos concretos, como instrumento escolhido por Ele para essa missão.

Todos os que cruzavam o caminho da “Madre Frassinetti” se percebiam amados e, a partir dessa experiência, removiam quase inconscientemente os obstáculos que podiam bloquear a acolhida do grande anúncio que ela desejava fazer a cada um: o anúncio da Pessoa de Jesus e o seu imenso amor.

Apresentar Jesus e provocar uma resposta de amor a Ele, envolvendo não só toda a pessoa, mas toda a sua vida, era tudo o que Paula buscava em seu apostolado.

Sabia que através da acolhida dada no próprio coração a Cristo chegariam à pessoa todos os dons e, que, através de sua resposta totalizante, envolvendo a vida, tudo nela mudaria. Por esse motivo não centrava o conteúdo de sua mensagem em preceitos morais, mas na apresentação de uma Pessoa, procurando estabelecer entre ela e cada uma com quem contactava uma dinâmica de relacionamento baseada na descoberta-acolhida-resposta.

Fundamentando essa sua pedagogia, está a certeza, vivíssima em Paula, de que a ação apostólica é realizada por Jesus, presente e ativo na sua Igreja. Ele não é só o conteúdo do anúncio evangélico da salvação, é o autor da salvação. É Ele que ama, que perdoa, que salva, que faz homens novos.

Essa obra de salvação, realiza-a através do contato direto e imediato com cada pessoa. Por esse motivo, tem Paula como preocupação apostólica central aproximar as pessoas Dele, revelar-lhes o Seu amor, para que possam abrir o coração ao “dom” feito por Ele.

## A TESTEMUNHA

Esse aproximar de Jesus, esse preparar os corações para acolher a revelação do Amor, é a missão do apóstolo que só é capaz de realizá-la sendo testemunha e como testemunha.

A condição gloriosa plenificou o poder salvífico de Cristo, mas privou-O da visibilidade. Carece, portanto, para concretizar a sua missão, de homens, de ministros que façam o gesto, pronunciem a palavra, estabelecendo a sacramentalidade como base à graça interna que Ele comunica. Dessa maneira o apóstolo é assumido como instrumento.

Paula arde, queima de zelo apostólico, mas não se substitui a Jesus. Tem consciência clara e convicção profunda de ser “instrumento” usado por Ele, mas instrumento vivo. Por esse motivo não só empresta corpo, palavra. Não só põe à disposição mãos, pés, boca, ouvidos, mas o coração, participando da missão salvífica de Jesus com a intenção e a caridade.

*“...as Irmãs do Instituto... são esposas Dele, escolhidas pelo Divino Salvador para serem os instrumentos da sua misericórdia a respeito dessas almas, pelas quais quis morrer sobre a cruz.”<sup>20</sup>*

E com a ânsia de propagar o amor que devora o coração amante de Jesus, não só se sente instrumento, não só vê as Irmãs como instrumento, mas quer, através da educação ministrada por ela e por suas filhas, preparar instrumentos dos quais Jesus Cristo se possa servir para ir a todas as partes.

*“...ver em cada educanda... um depósito sagrado que Jesus Cristo nos confiou e que um dia deverá ser, no meio do mundo, um instrumento do seu amor e da sua glória.”<sup>21</sup>*

Os seus escritos evidenciam que a pedagogia de formação das suas irmãs repousa sobretudo em dois pontos:

20. *Constituições*, op. cit., parte III, cap. IV, 4, 62.

21. *Constituições*, op. cit., cap. VI, 2, 69.

— colocá-las em contato direto com Jesus, ajudando-as a descobri-Lo como Pessoa e motivando-as a desejar “conhecê-Lo interiormente” pela contemplação dos mistérios de sua vida, através do seu Coração. Com esse conhecimento, procura criar um espaço interior de acolhida à sua revelação e ao seu amor, suscitando uma resposta no mesmo nível. Torna-as, assim, apóstolas-testemunhas do que “viram e ouviram”;

— colocá-las em contato direto com Jesus, para serem por Ele trabalhadas, de modo a se tornarem instrumentos aptos e disponíveis em suas mãos, verdadeiras testemunhas, vivendo e atuando, transformadas por sua presença constante que as faz ser outras, sem deixar de ser elas mesmas.

*“...gozei, na esperança de que o Deus das misericórdias derrame copiosíssimas graças e bênçãos sobre os membros, tanto novos, como antigos,... e as torne instrumentos aptos para trabalhar na sua vinha, com muita glória sua e benefício do próximo.”<sup>22</sup>*

*“...vejo em cada uma de vós um instrumento de que o misericordiosíssimo Deus quer servir-se, para a sua maior glória e para o bem do próximo.”<sup>23</sup>*

Como instrumento vivo de Jesus, Paula acolhe, no próprio coração, os sentimentos do seu Coração Redentor.

É vivendo nesse nível, assumindo os sentimentos salvíficos de Cristo, que Paula apóstola, se torna testemunha e repete, no hoje da sua atuação, os gestos sacramentais do Amado, captados no encontro íntimo e profundo com Ele.

Talvez, agora, se possa compreender com mais clareza por que Paula coloca sempre em estreita ligação a preocupação e o empenho pela salvação das pessoas e a santificação daqueles que são “instrumentos” da graça sacramental de Jesus.

22. Frassinetti, Paola, op. cit., 683,2, 21 de março de 1875.

23. Frassinetti, Paola, op. cit., 757,2, 20 de março de 1876.



*“O fim deste pequeno Instituto, todo consagrado à maior glória de Deus e à propagação do seu culto é, não somente, atender, com o auxílio da divina graça, à própria salvação e perfeição, mas empenhar-se igualmente com todas as forças em ajudar, com a mesma graça, a salvação do próximo.”<sup>24</sup>*

Sabe Paula que a santidade não é somente uma exigência do apostolado, mas é também o seu fruto...

Sabendo que o é, à medida que, convencida da sua vocação-missão, vive no coração os sentimentos de Jesus e os sentimentos dos homens, Paula entrega-se à ação do Espírito que a torna apóstola. É Ele que vai suscitar, em seu coração, como suscitou no Coração do Homem-Jesus, as mais fortes experiências divinas e humanas que a capacitam para a missão. Identificando-a com os sentimentos do Redentor e dos redimidos, fá-la experimentar o Mistério Pascal de Cristo, pelo morrer e ressuscitar cada dia, em comunhão de destino e de caminho com Ele. É o vivenciar essa dupla paixão, em seu coração, que caracteriza o apostolado de Paula, esposa e mãe. Na intimidade sponsal, capta os sentimentos do seu Amado em relação a cada um e, no encontro materno com eles, procura traduzi-los.

Ao fazê-lo, adapta-se não só à idade, à índole, ao caminho percorrido e ao que intui ser desejo de Jesus para elas, mas também, à cultura e às condições socioeconômicas.

Na vivência apostólica de Paula que transparece em seus escritos e no que foi testemunhado sobre ela, percebemos claramente uma intuição que somente hoje aparece claramente formulada. A oração, até bem pouco, era o tema que absorvia toda a espiritualidade, ocupando o apostolado um posto secundário. A preocupação era não prejudicar a oração, ou seja, não prejudicar a contemplação com a ação.

A partir do Concílio Vaticano II, o apostolado começa a aparecer com uma consistência própria, com um valor em si mesmo.

24. *Constituições*, op. cit., Sumário, parte I, 2, 114.

Aparece como um valor que, ao mesmo tempo que não decorre da oração, não é independente dela.

Como “dois braços do organismo teologal”, o apostolado deve estar em harmonia com a oração, assim como a oração deve estar em harmonia com o apostolado. Ambos se relacionam diretamente com a vida teologal, conservando uma interdependência no mesmo nível.<sup>25</sup> Paula não conhece essa formulação, mas é interessante perceber que quando apresenta as qualidades exigidas para ser admitida ao Instituto, esses elementos estão presentes: “. . . um desejo de dar-se a Deus com plena indiferença, em todos os lugares e em todos os ofícios (DIMENSÃO TEOLOGAL), amor à piedade (DIMENSÃO ORANTE), grande caridade para com as meninas (DIMENSÃO APOSTÓLICA).”<sup>26</sup>

Se fala da vida interior como “a alma do Instituto”, diz, ao mesmo tempo, que as Irmãs “se consagram nesse Instituto ao serviço e à santificação das almas”. Se nos convida a “rezar muito, muito, muito”, diz também que não poderiam ser orações demasiado longas, porque nos faltaria o tempo dedicado ao apostolado. Explica:

*“Não se aflija se não tem muito tempo para rezar; basta que faça os exercícios espirituais indicados pela Regra; os trabalhos e as penas, inerentes ao desempenho do ofício, são uma boa e contínua oração, muito grata a Deus.”<sup>27</sup>*

Numa linguagem muito sua, Paula nos diz que no “desempenho do ofício” encontramos a Deus. Se rezar, como se deduz dos seus escritos, é encontrar-se amorosamente com Ele, através do apostolado, rezamos, porque nele O encontramos.

Essa dedução interpretativa nossa, as *Memórias* a exemplificam, quando narram o fato, testemunhado por ela mesma, de conseguir fazer retiro mensal estando com as educandas.

25. Ruiz-Salvador, F., *Caminos del Espiritu*, 338, cap. 9.

26. *Constituições*, op. cit., Plano Resumido, 14, 5-6.

27. Frassinetti, Paola, op. cit., 536,6, 22 de setembro de 1872.



Para intuir a profundidade com que Paula encontra Deus na ação, basta recordar a sua maneira de estar presente em meio à juventude e a maneira como as jovens e crianças a procuravam, desejando estar a seu lado.

Não há dúvida de que, através da ação, Paula tocava diretamente Jesus, Paula O encontrava e nesse contexto com Ele amorosamente se relacionava.

A explicação da sua capacidade de tocá-Lo, de vivê-Lo num contexto que para a maioria é um grande obstáculo pode ser dada a partir daquilo que escreve e que testemunha com fatos concretos.

Em sua vida, a tônica mais forte não está na oração, nem no apostolado. A tônica mais forte está na Pessoa de Cristo. A oração e o apostolado são meios para encontrá-Lo, para amá-Lo, para dar-Lhe gosto, para servi-Lo, como instrumento do seu amor salvador. Logo, para Paula o apostolado não é um encargo, um dever, mas um desabrochar pleno de uma vida entregue ao amor do Amado. O apostolado, como a oração, é um lugar de encontro com Ele, ao mesmo tempo que uma maneira de torná-Lo conhecido e amado, na gratuidade de sua paixão pelo homem. Creio poder afirmar que Paula, sem dar-se conta, viveu a sua missão apostólica segundo a atual definição do apostolado: “Serviço mútuo de amor para o conhecimento e o amor de Cristo e a edificação da Igreja”.<sup>28</sup>

28. Ruiz-Salvador, F., op. cit., 345.

## CONCLUSÃO

Paula, como dissemos, foi uma mulher unificada pelo amor. Foi o seu amor profundo a Jesus Cristo que a fez viver, na oração, a dimensão esponsal e, na ação, a dimensão materna, possibilitando o desabrochar pleno de sua personalidade feminina. Aliada ao desabrochar da personalidade feminina de Paula e potenciada pelo amor a Jesus, em sua vida, oração e ação se complementavam, se exigiam mutuamente, como a mãe supõe a esposa e como a esposa se prolonga na mãe.

Portanto, a ação de Paula, direcionada para os homens, vivida intensamente na fé e no amor, era fonte de experiência espiritual e lugar de encontro com Jesus. A sua contemplação, centrada em Jesus e também vivida intensamente na fé e no amor, era fonte dinamizadora de sua ação apostólica, caracterizada pelo revelar aos homens o amor do Amado, impregnando com Ele, não só as estruturas, mas a própria história.

Na ação, Paula encontra Jesus e a Ele se sente unida, como nos momentos de contemplação, no “a sós” do amor. Na contemplação, encontra o “homem” por quem Jesus vive os Seus mistérios, por quem entrega a vida.

Concretiza o ideal do “contemplativo na ação” da espiritualidade inaciana que abraçou. Nossas *Constituições* traduzem bem o segredo da unidade de vida em Paula. Porque vive em profundidade a dimensão teologal, porque participa, através do Espírito, dos mistérios de Cristo, vive em íntima comunhão com Ele e, através Dele, com

o Pai (oração), o seu imenso amor pelos homens (ação).\* Porque vive a dimensão sponsal e a dimensão materna, Paula vive também, de maneira unificada, a sua vocação de mulher.

E como é na Igreja e pela Igreja que se encontra Jesus e se participa dos seus mistérios, a ação de Paula, como prolongamento da ação missionária de Jesus, não se concretiza à margem da Igreja, está totalmente integrada nela.

Paula serve a Cristo servindo à Igreja.

Me. Elisa Vassallo, escrevendo às suas noviças, pergunta: "Compreendeis, minhas caríssimas, de que Mãe somos filhas?"\*\* Esta mesma pergunta eu me faço, e a você que me lê. Será que de fato, existencialmente, compreendemos? Se compreendemos, sabemos que esta vida, como foi vivida, se prolonga em cada uma de nós. E, prolongando-a, assumimos o compromisso de revelar ao mundo de hoje, através de nossa fisionomia espiritual, os traços que nos identificam, como filhas de tão grande MÃE.

\* Cf. *Constituições*, 35.

\*\* Vassallo, M. E., op. cit., cap. VI, p. 74.

## BIBLIOGRAFIA

- Beatificationis et Canonizationis Servae Dei Paulae Frassinetti Fundatricis Congregationis Sororum S. Dorothea*, Roma, 1906.
- BINGEMER, Maria Clara Luchetti, *Em tudo amar e servir: mística trinitária e práxis cristã em Santo Inácio de Loyola*, São Paulo, Edições Loyola, 1990.
- ESCOBAR, Julio R., *"Contemplarão aquele que transpassaram"*, São Paulo, Edições Loyola, 1988.
- FRASSINETTI, Paola, *Constituições e Regras do Instituto das Irmãs de Santa Dorotheia*, Roma, 1851.
- , *Cartas (1841-1882)*, Lisboa, 1987.
- LÉTHEL, François-Marie, *"Connaitre l'amour du Christ que surpasse toute connaissance"*. *La théologie des saints*, Venasque, Éditions du Carmel, 1989.
- MAGGIONI, Bruno, "La mística di Giovanni Evangelista" in *La Mistica — fenomenologia e riflessione teologica*, Roma, Città Nuova Editrice, 1984.
- MAGNANI, Clotilde, *La Beata Paola Frassinetti: sua caratteristica fisionomia-ricavata delle "Memorie" dell' Istituto*, s.n.t.
- ORESTE, Gregorio, *Canzoniere Alfonsiano*, Anghi, s. ed., 1933.
- PIGNA, Arnaldo, "Valore ecclesiale della contemplazione" in *La comunione con Dio secondo San Giovanni della croce*, Roma, Edizioni del Teresianum, 1968.
- POSADA, M. Ester, *Giuseppe Frassinetti e Maria D. Mazzarello: rapporto storico-spirituale*, Roma, LAS, 1986.
- RUIZ-SALVADOR, F., *Camino del Espiritu: Compendio di Teologia Espiritual*, Madri, Ed. de Espiritualidad, 1988.
- SOMMARIVA, Teresa; MASYN, Margharita M., *Memórias acerca da venerável Serva de Deus Paula Frassinetti e do Instituto por ela fundado*, Roma, s.d., 1908.
- TERESA DE JESUS, "Camino de perfección" in *Obras completas*, 5ª ed., Burgos, Editorial Monte Carmelo, 1987.
- VASSALLO, M. E., *Memorie intorno alla Madre Paola Frassinetti*, Roma, 1894 (manuscritto).
- VELOCCI, Giovanni, "Preghiera e salvezza: sant'Alfonso de Liguori" in *La preghiera-Bibbia teologia, esperienze storiche*, Roma, Città Nuova Editrice, 1988.
- VERONICA GIULIANI, *Esperienza e dottrina mistica*, Roma, Editrice Laurentianum, 1981.